

Citânia de Santa Luzia.

(Viana do Castelo, Portugal)

Por Abel VIANA.

Na "Revista de Guimarães", nós e Manuel de Sousa Oliveira, Director do Museu Regional de Viana do Castelo, publicamos um trabalho acerca desta notável estação arqueológica minhota (1), tratando-se aí, de preferência, da história das investigações até então ali realizadas e do estudo dos materiais recolhidos.

Nessa desprezenciosa síntese, na qual predomina o descritivo, demos a conhecer o que de mais importante se registava no espólio do castro. Virá agora o exame das ruínas, a análise da arquitectura dos vários elementos que restam do povoado proto-histórico.

Até 1933, havíamos feito alguns desenhos de grupos de casotas, em ordem a futura publicação. A nossa ausência de Viana, a partir daquela data, impossibilitou o prosseguimento do estudo, até que, nos anos de 1953 e 1954, graças ao auxílio do Instituto de Alta Cultura, e com a cooperação de Sousa Oliveira, que a seu cargo tomou o esboço topográfico a partir de casota n.º 59, pudemos continuar a tarefa durante vinte anos interrompida.

Constituem base deste novo estudo a planta geral do que, exceptuando alguns vestígios ainda existentes na encosta ocidental do

(1) ABEL VIANA e MANUEL DE SOUSA OLIVEIRA: *Cidade Velha de Santa Luzia (Viana do Castelo)*, in *Revista de Guimarães*, LXIV. Guimarães, 1954. Dos mesmos, prestes a sair: *Sobre a citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal)* trabalho apresentado ao III Congresso Arqueológico Nacional (Galiza, 1953).

Monte de Santa Luzia, fora de qualquer escavação, foi desenterrado nas sucessivas campanhas exploratórias, e três plantas parciais da área abrangida pela mesma planta geral. Juntam-se mais nove desenhos com pormenores das muralhas e das casas, assim como vinte e oito fotografias com aspectos da citânia e a reprodução de particularidades relativas a diversas construções.

A fim de não sobrecarregar a publicação deste artigo, não reeditaremos a planta parcial das casas numeradas de 8 a 15, nem as fotografias destas casas, nem a planta geral de 1880, pois tudo isto se poderá ver nos dois trabalhos que, com Sousa Oliveira, já apresentamos acerca da "Cidade Velha".

Devemos desde já salientar que as plantas e desenhos não são rigoroso trabalho de topógrafo; representam simples apontamentos obtidos mediante a bússola e a fita métrica. (2). Embora se trate de meros apontamentos, servem perfeitamente ao fim em vista.

Observando a planta geral (Fig. 1), verifica-se existirem, pela nossa contagem, 74 casotas, sendo: vinte e sete redondas, sem alpendre; dezoito circulares, com alpendre; nove elípticas, sem alpendre; duas elípticas, com alpendre; onze com paredes rectas, mais ou menos rectangulares, às vezes com um ou mais ângulos arredondados; quatro com feitos diversos dos três atrás apontados; três circulares mas incompletas, por terem sido cortadas pela estrada de acesso às trazeiras do hotel. O. n.º 2 é apenas uma parede e o 49 um pequeno forno isolado.

Tomás Simões Viana, o dirigente, por incumbência da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, das últimas escavações ali realizadas (1935-1939), contou apenas 57 casas. Há, portanto, a diferença de 19, a menos, em relação à nossa contagem. Tal diferença será devida, certamente, ao facto de Simões Viana não ter considerado como casas propriamente ditas, mas como simples anexos das outras, aquelas construções que nós numeramos com 2, 11, 13, 22, 23, 26, 27, 29, 52, 53, 54, 55, 58, 65, 73, 74 e 75.

Nas que Simões terá excluído, por considerá-las simples dependências, acham-se, portanto, todas as de planta rectangular, algumas de forma invulgar, tal como a n.º 1, o grupo 52-54, as três que a estrada para o hotel cortou, e a n.º 75, que foi posteriormente escavada por Sousa Oliveira.

Observando-se o plano geral (Fig. 1), nota-se, também, que as casas se agrupam por pequenos bairros cuja separação se pode considerar hoje feita pelos estreitos carreiros de pé posto, que actual-

(2) Além de Sousa Oliveira, auxiliaram as medições meus sobrinhos Guilhermino e Isidoro Paço Viana e António da Costa Viana.

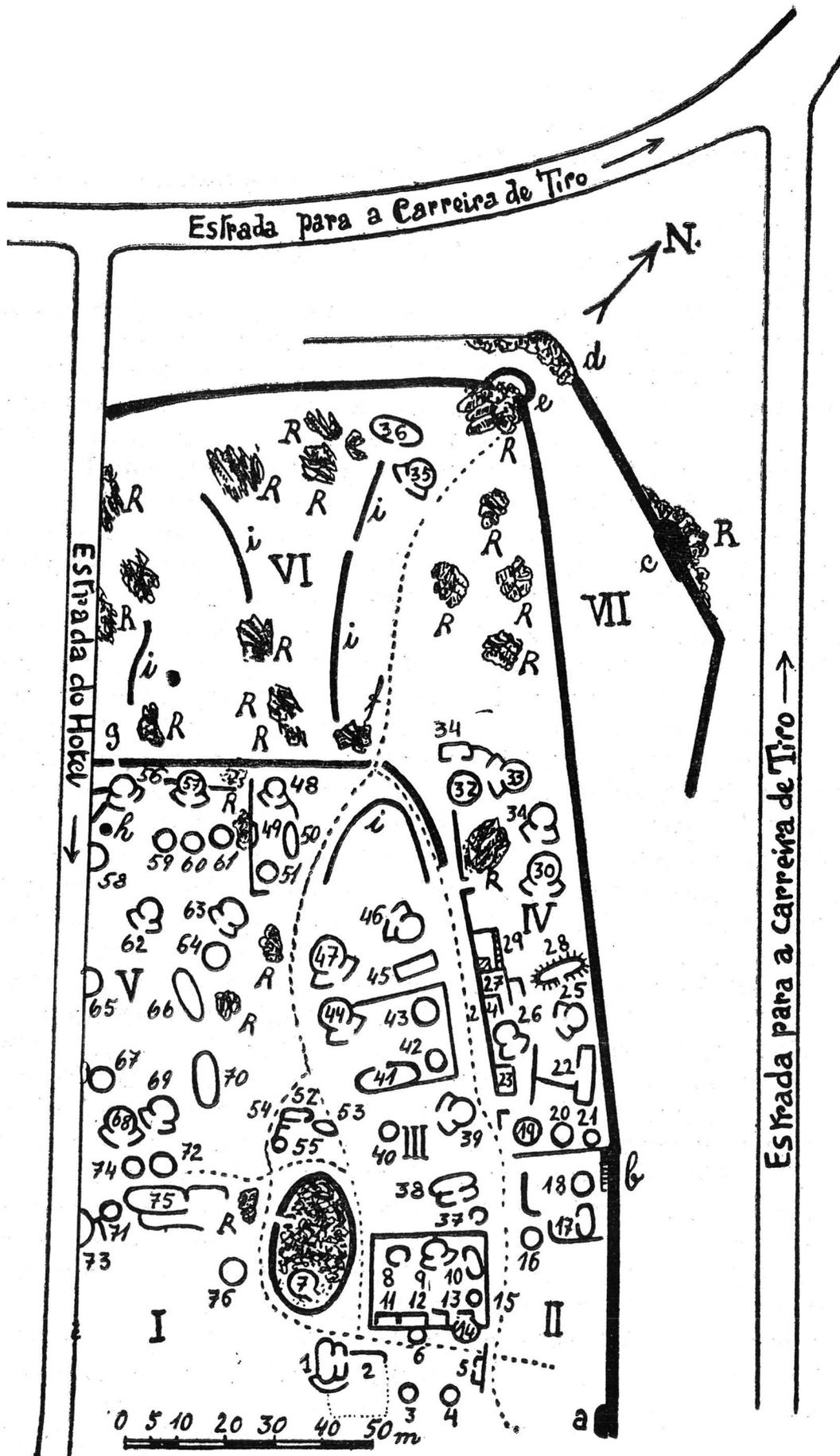


Fig. 1.—Plano general de Santa Luzia.

mente passam entre as ruínas e que indicamos por linhas pontuadas.

Estes grupos nem sempre estão em perfeita evidência. Pode mesmo dizer-se que só os designados em III e IV mostram delimitação bem definida. O compartimento I, que engloba as casas núms. 1 a 6 e 71 a 76, abrange uma porção de encosta com ligeiro pendor para o Sul e Sudoeste.

O sector II, encostado à muralha de Nascente, pouco mostra (núms. 16, 17 e 18), não porque tivesse havido menos casas, mas porque desapareceram com a construção de um depósito de água e por outras causas. O Sector III (Fig. 2) compreende as casotas numeradas de 8 a 15 e de 37 a 47. Nesta parte há dois cercados, um no sítio mais elevado da citânia, que é precisamente os das casas 8 a 15 e o cercado da casa n.º 7, e outro encerrando as casotas 41 a 44.

O terreno é relativamente plano e, estando na área mais coberta de casas, corresponde à zona mais alta do castro. Este sector separa-se do IV por um caminho, parte entre muros, outra parte entre uma parede e um talude, conforme se indica nas Figs. 2 e 3.

Está o sector IV (Fig. 3) bem delimitado pela muralha interior, de um lado, pelo muro e caminho atrás citados de outro, e por muro divisório no topo contíguo ao Sector II. O terreno, em nível mais baixo que o do Sector III, vem descendo desde a casa 34 até à 21. Tem este sector duas entradas perfeitamente praticadas no muro acompanhante do caminho: uma, com 1,40 m. de largura, junto à casa n.º 23; outra, com 1,75 m., em frente da n.º 30.

No topo setentrional, isto é, acima da casa 34, não existe divisória, contrariamente ao que sucede no lado oposto, no limite setentrional dos Sectores III e V, mas estamos agora em presença de uma zona que é quase tão elevada como aquela em que se encontra o cercado da casa n.º 7, e que tem por ponto culminante, não só desta zona mas também de quase toda a citânia, o ângulo da muralha interna assinalado com a letra e na Fig. 1. Este Sector VI, cheio de afloramentos rochosos, apresenta apenas alicerces de duas casas (35 e 36), mas tem na encosta que desce para a estrada do hotel vários troços de muro, que podem ter servido de suporte de terras ou, o mais provável, ter sido elementos de cercados (Fig. 1, letra i).

Na parte em que este sector está separado dos sectores meridionais por extenso muro, há uma estreitíssima passagem (0,50 m.) para o Sector V, junto da estrada para o hotel, e outra um pouco mais larga, de comunicação com o Sector III.

O terreno do Sector V pende bastante desde o Sector III à estrada do hotel, (Fig. 4). Todas as casotas (48 a 76) são af de paredes curvas.

Muralhas.—Comparando-se a extensão da muralha representada

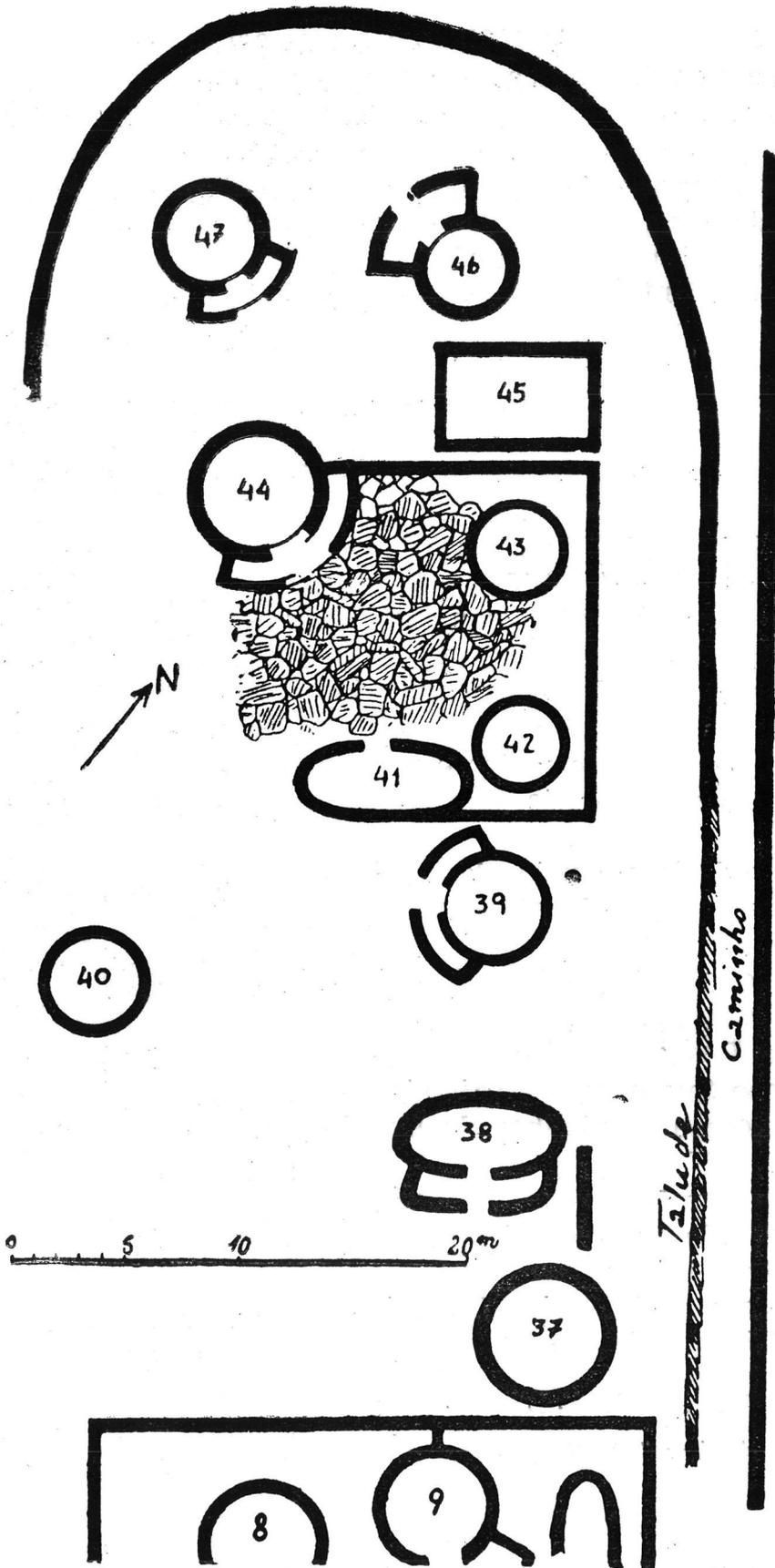


Fig. 2.—Plano parcial de Santa Luzia (Vid. fig. 1, sector III),

no esboço topográfico de 1880 com o que actualmente se vê e está marcado na Fig. 1, verifica-se ter desaparecido, de então para cá, tanto como metade, ou seja, todo o lanço voltado a Sul e Poente. Referimo-nos à muralha interior, única marcada na planta de 1880, e que, a esse tempo, teria um perímetro de 960 metros, com duas porções já destruídas, uma de 50 metros, no lanço meridional, outra de 140 metros, no lanço ocidental.

Do lanço oriental restam pouco mais de 200 metros —o que, todavia, representa quase toda a extensão primitiva—, e uns 80 metros do lanço setentrional (Vid. Fig. 1).

Logo no começo do primeiro, achamos um pequeno torreão (Fig. 1, letra *a*), constituído por um reforço semi-elíptico encostado à muralha. Mais adiante (Vid. letra *b*, Fig. 1; Fig. 7; Fig. 13, letra *b*; e Est. II, núms. 8 e 10), perdura uma escada de acesso ao cimo da muralha. É formada por degraus embutidos na alvenaria da muralha, ficando à vista 0,45 m. de seu comprimento. A porção que entra na parede é muito pequena. Estes degraus são de tamanho variável e não muito perfeitamente talhados, mas formam conjunto muito regular. São agora em número de nove, mas teria mais alguns, pois a muralha, tanto pela parte interna como pela externa, tem pouco mais de metro e meio de altura, achando-se desmantelada, ou simplesmente com as pedras amontoadas, a porção cimeira.

No cabo deste comprido lanço, há um volumoso grupo de rochedos nativos, inflectindo aí a muralha para Poente. A muralha, cuja grossura é de 1,80 m. junto à escada, vai-se tornando mais robusta à medida que se aproxima do referido afloramento rochoso, apresentando, ao chegar aos rochedos, 2,60 m. de espessura (Fig. 5). Daí desce para Poente o outro lanço, com 1,60 m. de grossura. Este segundo lanço forma com o primeiro um ângulo de 90 graus, mais ou menos, e tem a servir-lhes de ligação um pequeno troço circular (Fig. 1, *e*; Fig. 5), cuja grossura vai de 2,60 a 0,95 m., com 1,10 m. na porção média. O adelgaçamento na couraça, nesse sítio, explica-se pelo poderosíssimo reforço que os rochedos nativos lhe dão pela face interna.

Segundo o testemunho dos primeiros exploradores e observadores da citânia, esta era envolvida por tríplice muralha, entre as quais medeavam dois fossos. A planta de 1880, todavia, dá-nos somente indicações da cintura interna, nada constando ali da média nem da exterior (3). Quanto a esta última, o quer que dela restasse

(3) No artigo publicado na *Revista de Guimarães*, por lapso se diz (pág. 36 da separata) que nessa planta faltam indicações da muralha *interior*, quando se queria dizer *média*, o que aliás se deduz do que se lê no período anterior.

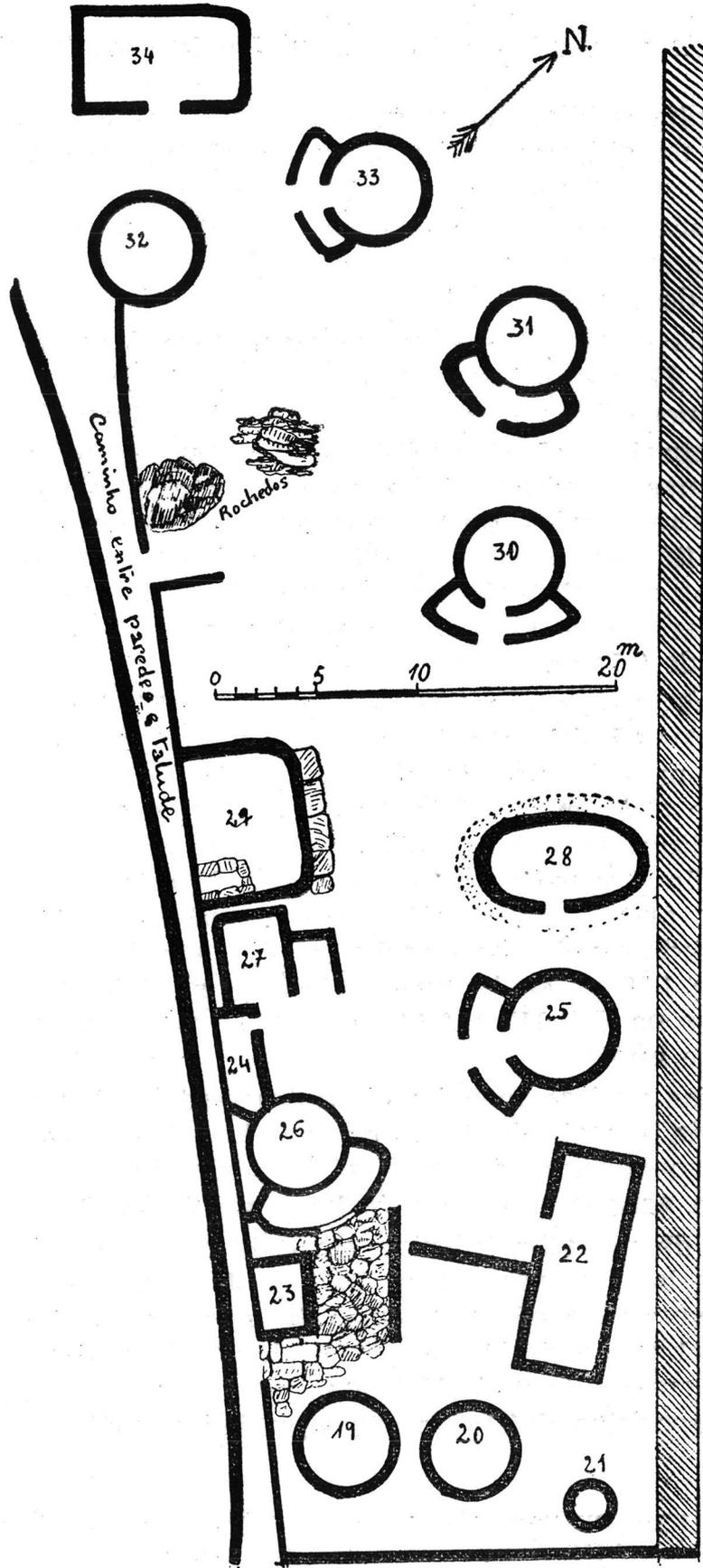


Fig. 3.—Plano parcial de Santa Luzia (Vid. fig. 1, sector IV).

foi totalmente subvertido pela construção da estrada circundante da citânia.

Da muralha média, notam-se uns restos naquele mesmo canto setentrional da citânia, conforme indicamos na Fig. 1. Em frente dos penedos indicados em e há outro dispositivo (letra d) semelhante ao daquele ponto em que a muralha inflecte em ângulo recto. Daí segue um lanço de 34,80 m. na direcção de Leste, até um torreão cuja planta damos na Fig. 6.

O aparelho interno e externo da muralha e deste torreão se observa na Est. II, núms. 7, 9 e 13. Pela banda de dentro da muralha, há uma pequena rampa de acesso ao cimo do torreão (Fig. 6, letra c). As muralhas são formadas por dois muros paralelos, preenchido com terra e pedras o intervalo entre ambos. Os muros que se vêem em outras partes, quer separando os grupos de casas quer outros cujo fim nos parece ter sido, umas vezes o da contenção de terras, outras o estabelecimento de cercados, não têm mais grossura que as paredes de algumas casas, dos seus alpendres e quinteiros: à roda de 0,50 m.

Faz excepção o do cercado da casa n.º 7, sítio que o Prof. Leite de Vasconcelos admitiu que fosse a acrópole (4), pois a sua espessura é de 1,20 m. Este cercado, cuja planta foi já publicada, (5), tem de perímetro 96,50 m., medidos pelo exterior, e conserva 1,20 m. a 1,80 m. de altura, também medidos pela banda de fora, pois do lado de dentro não tem mais de um metro. Todo este muro assenta em penedia, e a área interior está também quase completamente ocupada por lajedo e volumosos rochedos. Do lado do Poente, tem uma entrada com 1,30 m. de largura, precedida de dois degraus, conforme se mostra na Est. III, n.º 14. Na Est. II, n.º 11, se vê o aparelho externo deste muro.

As notícias antigas mencionam unicamente uma entrada na citânia, situada a meio do lanço ocidental. Actualmente nada lobrigamos que possa tomar-se como tal. A ser verídica a informação, essa entrada achava-se num sítio bastante declivoso.

Por fora da muralha interior, em todo o seu perímetro, o terreno desce em ladeira íngreme, mesmo muito inclinada em quase toda a volta, com excepção do ângulo da muralha, no extremo Norte, que na Fig. 1 tem a designação de Sector VII. De facto, a escalada ao povoado era muito mais fácil por esse ponto, o que explica o reforço do dispositivo defensivo por esse lado: maior grossura da

(4) JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS: *Cidade Velha de Santa Luzia*, in *O Arqueólogo Português*, VIII. Lisboa, 1903. Págs. 15 a 23.

(5) A. VIANA e SOUSA OLIVEIRA: *Cidade Velha de Santa Luzia*. Fig. 2.

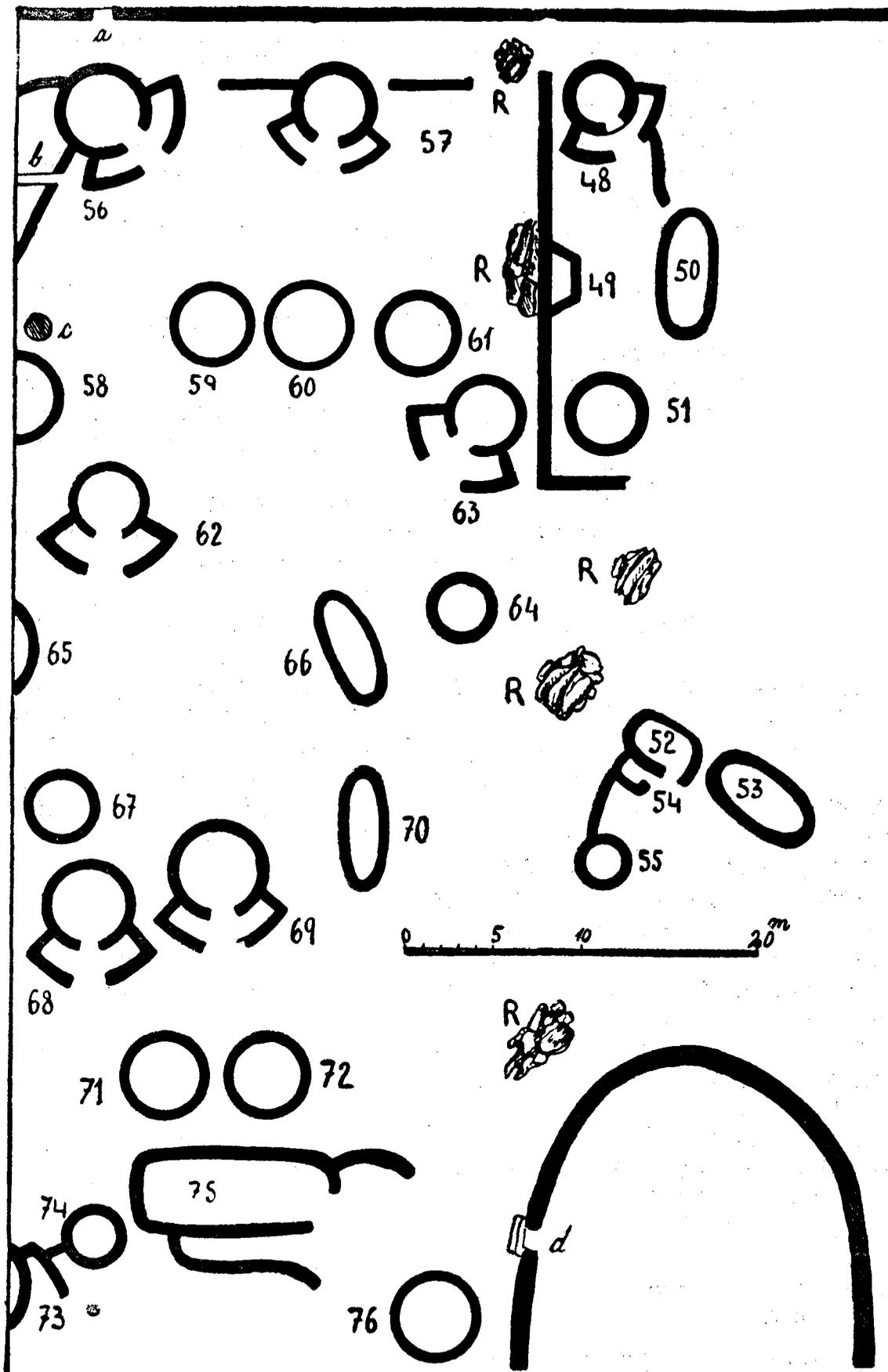


Fig. 4.—Plano parcial de Santa Luzia (Vid. fig. 1, sector V): *a*, passagem no muro; *b*, canal; *c*, poço; *d*, entrada para o cercado de casa n.º 7. R. rochedos.

muralha, o torreão na muralha que está por fora e, provavelmente, outras obras desaparecidas.

O *casario*.—Falamos já do formato das casas. Não nos alongaremos em considerações sobre a altura provável destas, nem da forma dos alpendres, nem acerca das coberturas. Florentino Cuevillas, em recente obra sua (6), condensa e resume quanto acerca destes e outros problemas de arquitectura castreja se pode supor ou admitir.

A altura das casas seria de 3,80 a 4 metros, conforme calcularam Martins Sarmiento e Félix Alves Pereira, para Briteiros e Santa Luzia, respectivamente (7).

Acerca da forma das casas, Cuevillas mostra como as de planta redonda predominam largamente sobre as de paredes rectas, ou angulares, exemplificando com os seguintes povoados: *Terroso*.—80 casas redondas e 15 angulares; *Belinho*: uma redonda e uma subrectangular; *Monte Castro*: duas circulares; *Paderne*: uma circular; *Montealegre de Domayo*: duas redondas; *Póvoa de Lanhoso*: todas redondas; *La Estrada*: quase todas redondas; *Borneiro*: 11 de paredes curvas e uma angular; *Sabroso*: 35 redondas e vestígios de algumas angulares; *Pendia*: 11 de paredes curvas e uma de paredes rectas.

Em *Santa Tecla*, *Troña* e *Coaña*, continua o ilustre arqueólogo galego, as casas redondas estão em maioria absoluta. O mesmo acontece em Santa Luzia, onde, contra 63 casas de paredes curvas há somente 11 de paredes rectas. Podemos acrescentar que as por nós observadas em *Afife* (duas, no Monte de Santo António), *São Caetano* (Longosvales), *Covas*, *Areosa*, *Vilarelho*, *Ancora*, *Vilar de Mouros*, *Seixas*, *Madalena*, *Roques*, *Pias dos Eidos*, *São Silvestre*, *Gondarém*, *Bagunte*, etc., eram todas circulares.

Contra a regra geral, são citados por Cuevillas os castros de *Baroña*: 5 redondas e 5 angulares; *San Cibrán das Lás*: na maioria angulares, e *Briteiros*, onde nas duzentas casas contadas na área escavada pouco mais da quarta parte é de paredes curvas.

Entende D. Florentino Cuevillas que seria erróneo seguir um critério estritamente particularizador, na classificação das plantas, pois que certas diferenças são devidas apenas à acomodação no terreno. Acha que os traçados circulares, ovais ou elípticos não significam mais que despreocupação do construtor, o qual não pretenderia obter figuras geométricas regulares.

(6) F. LOPEZ CUEVILLAS: *La civilización céltica en Galicia*. Santiago de Compostela, 1953.

(7) FELIX ALVES PEREIRA: *Habitacões castrejas do Norte de Portugal*. Viana do Castelo, 1914.

Que tal esteja certo para outros povoados castrejos, tanto em Portugal como na Galiza, e relativamente àquelas casotas cujo contorno claramente mostra não ser outra coisa que pura deformação

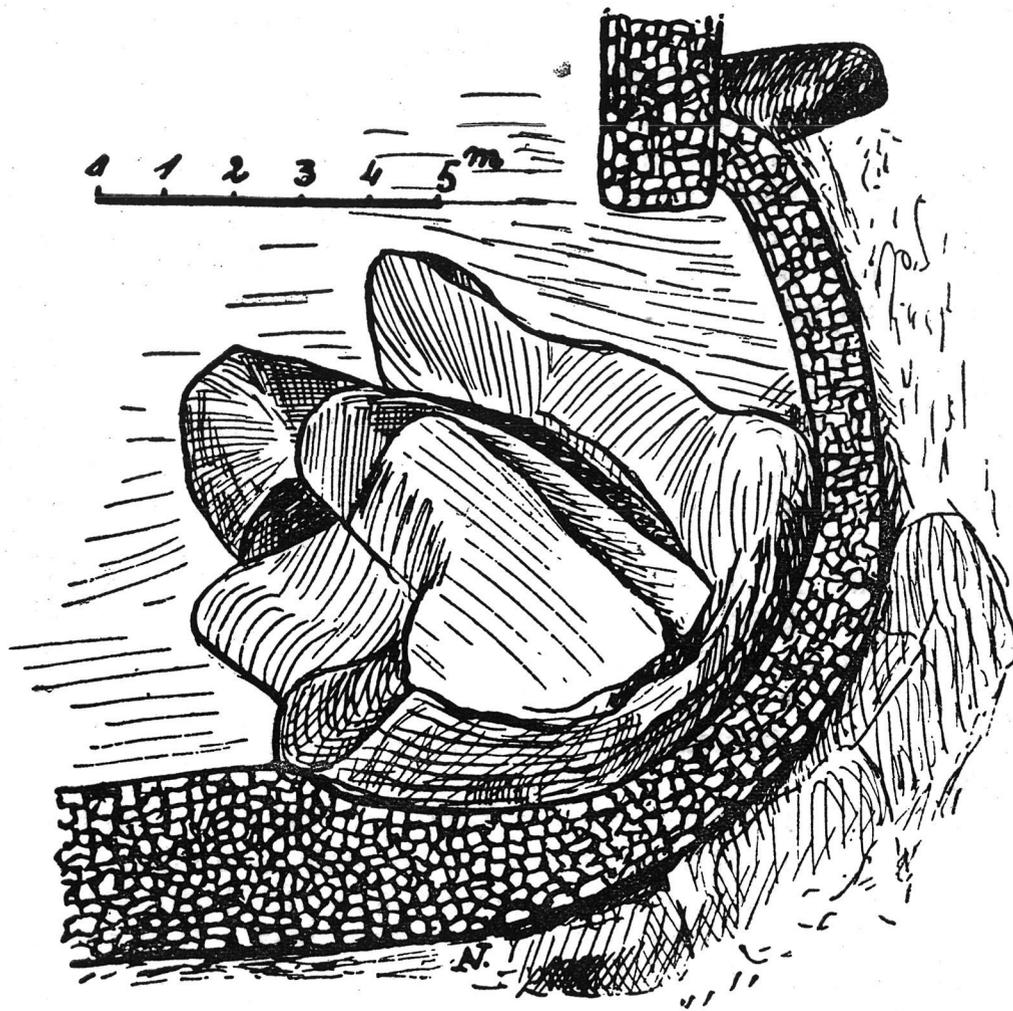


Fig. 5.—Angulo setentrional de muralha interna (Vid. fig. 1, letra e).

do traçado circular, não duvidamos. Mas no caso de Santa Luzia, onde a distribuição das casas é muitíssimo menos compacta e desordenada que na maioria dos outros castros, julgamos que as casas elípticas (9 sem alpendre e duas com ele) podiam ser motivadas pelo desejo de obter maior e mais cómodo espaço.

No entanto, tudo o mais se conjuga para corroborar que, na obra dos castrejos, as coisas decorrem muito ao sabor dos accidentes do terreno e, por assim dizer, da inspiração ocasional. Em Santa Luzia o forno, por exemplo, aparece nas casas núms. 29, 36, 38, 68 e 72; a primeira é rectangular, a segunda é elíptica sem alpendre, a terceira é elíptica com alpendre e tem neste o forno, a quarta é circular com alpendre, e é neste que está o forno, a quinta é circu-

lar sem alpendre. Do que se conclui que a instalação do forno nada tem a ver com a planta da casa. Em Santa Luzia há, até, um forno (n.º 49) fora de qualquer casa ou alpendre.

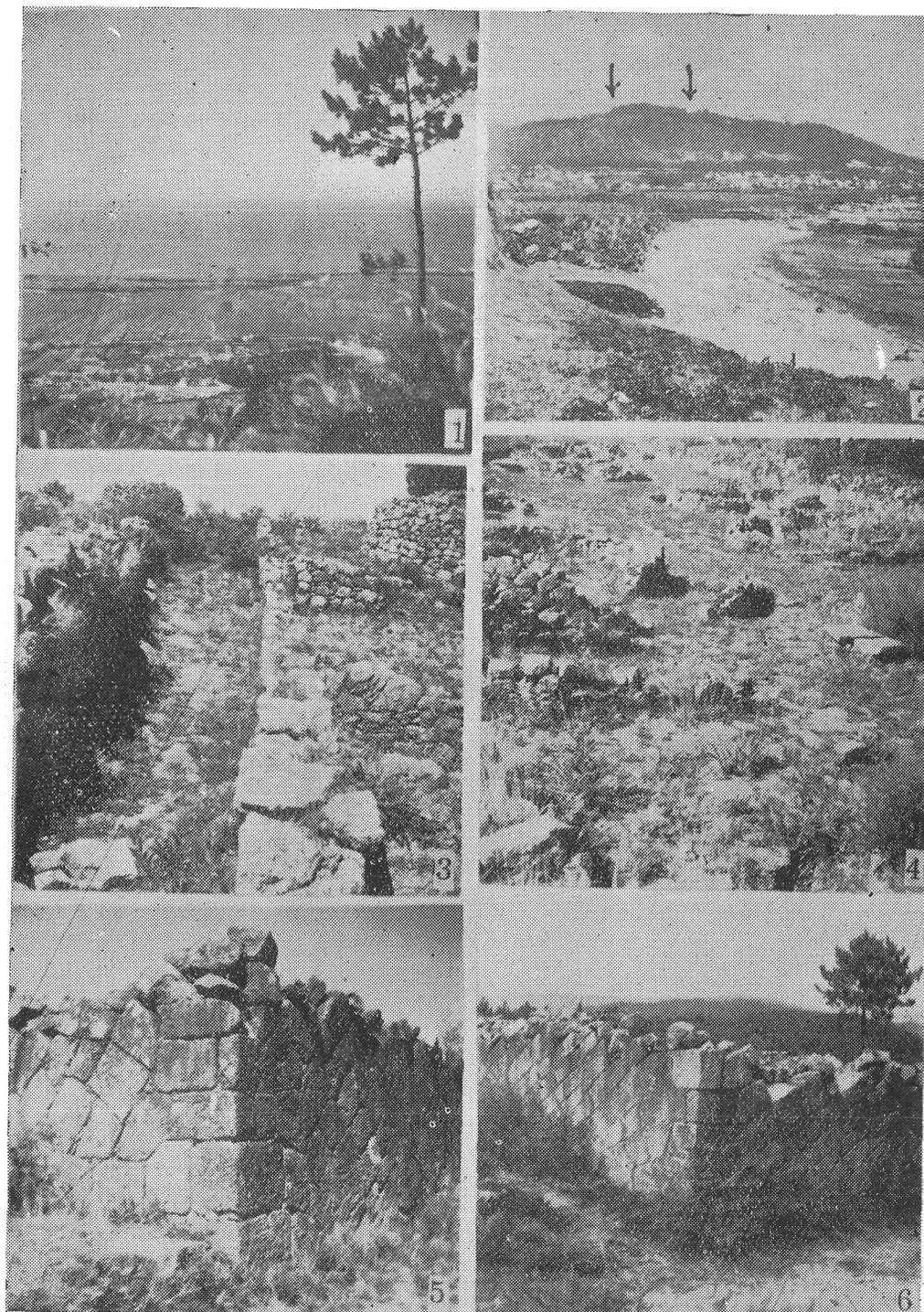
O que sabemos da vida social destas populações castrejas é quase nada. Ao pretender-se dar certas explicações, portanto, não se pode ultrapassar o campo das hipóteses. Conforme foi observado por diversos investigadores, as casas da citânia de Santa Luzia têm, geralmente, a entrada voltada para o quadrante SO-SE, que coincide com a pendente geral do terreno. Esta última circunstância defenderia as casotas da invasão das águas pluviais. Mas também isto se não poderá tomar por invariável, visto que algumas casas, como as núms. 37, 46 e outras, têm a entrada voltada precisamente para a parte de ladeira acima.

Quanto a orientação, as entradas parecem buscar, preferentemente, posição que as livre do desabrido vento do Norte, mas está-se muito longe de verificar uma orientação geral certa, dentro de um limite certo. Senão, veja-se: Há duas casas com entrada voltada para ENE (1 e 75), uma para E (7), uma para ESE (44), nove para SE (8, 9, 24, 26, 27, 28, 38, 47 e 68), quatro para SSE (30, 48, 56 e 57), seis para S (31, 34, 36, 52, 62 e 69), duas para SSO (35 e 63), três para SO (10, 25 e 37), seis para OSO (5, 17, 22, 25, 33 e 39), três para NO (13, 14 e 41) e, finalmente, uma para ONO (46). Estas últimas entradas caem já francamente na zona onde se faz sentir o rigor da nortada.

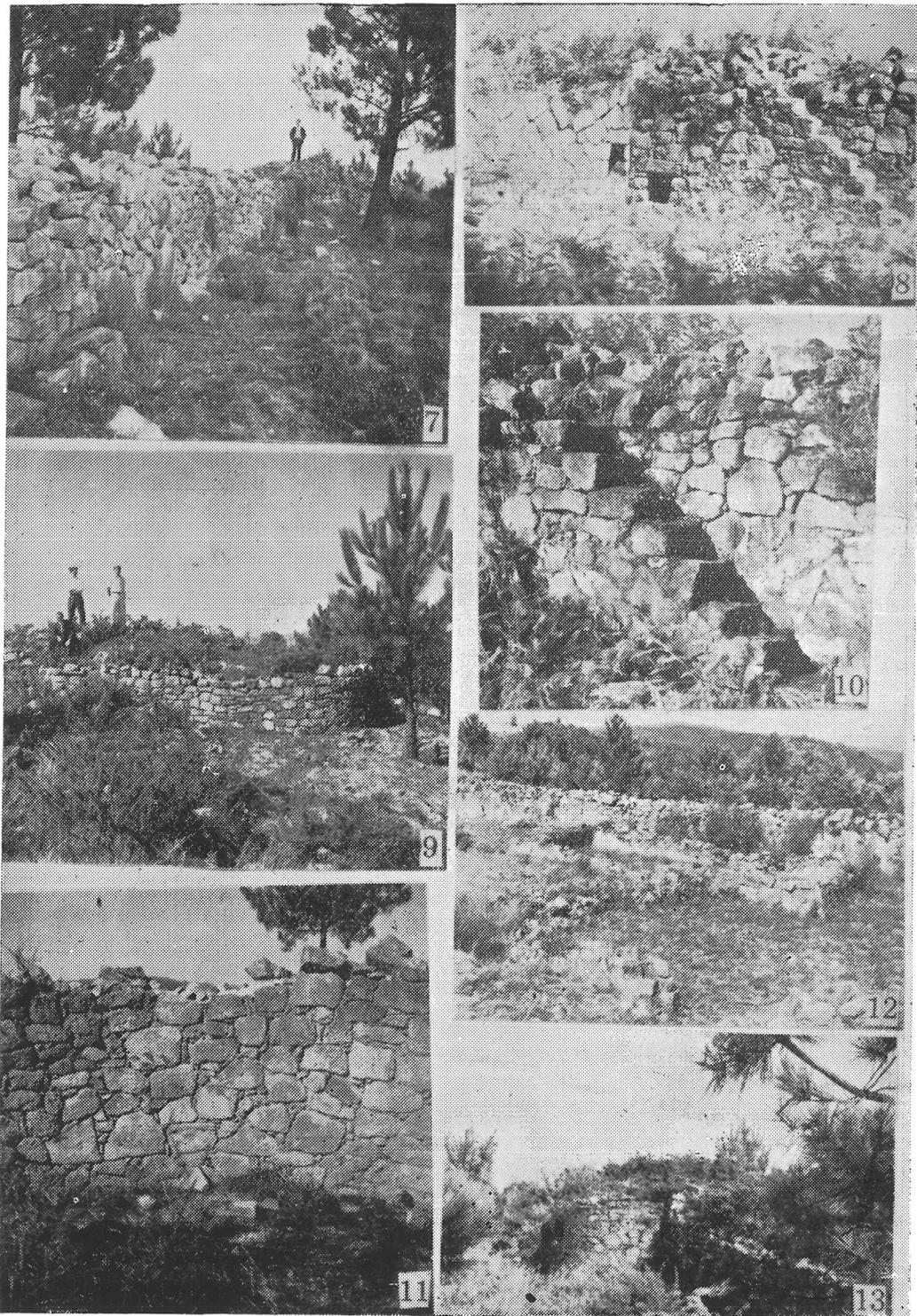
Não foi evitado o sector mais exposto aos vendavais do Sudoeste, os mais frequentes na estação invernal, pois se contam 17 casas com entrada voltada para o sector entre SO e OSO, número bastante menor que o das entradas na direcção entre SSE e S, o sector mais calmo, que é de 13 entradas, apenas.

É certo que algumas destas aberturas estão tanto ou quanto abrigadas por um pequeno relevo do terreno, pela parede de outra casa, ou por um dos muros divisórios daqueles agrupamentos a que, por semelhança, denominamos bairros. É de notar, porém, que a distância a que das portas de entrada ficam esses abrigos do vento os tornam grandemente ineficazes. Um simples relance pelos esboços parciais da citânia (Figs. 2, 3 e 4) mostra que as casotas se encontram demasiado distanciadas entre si para poderem servir de para-vento uma das outras.

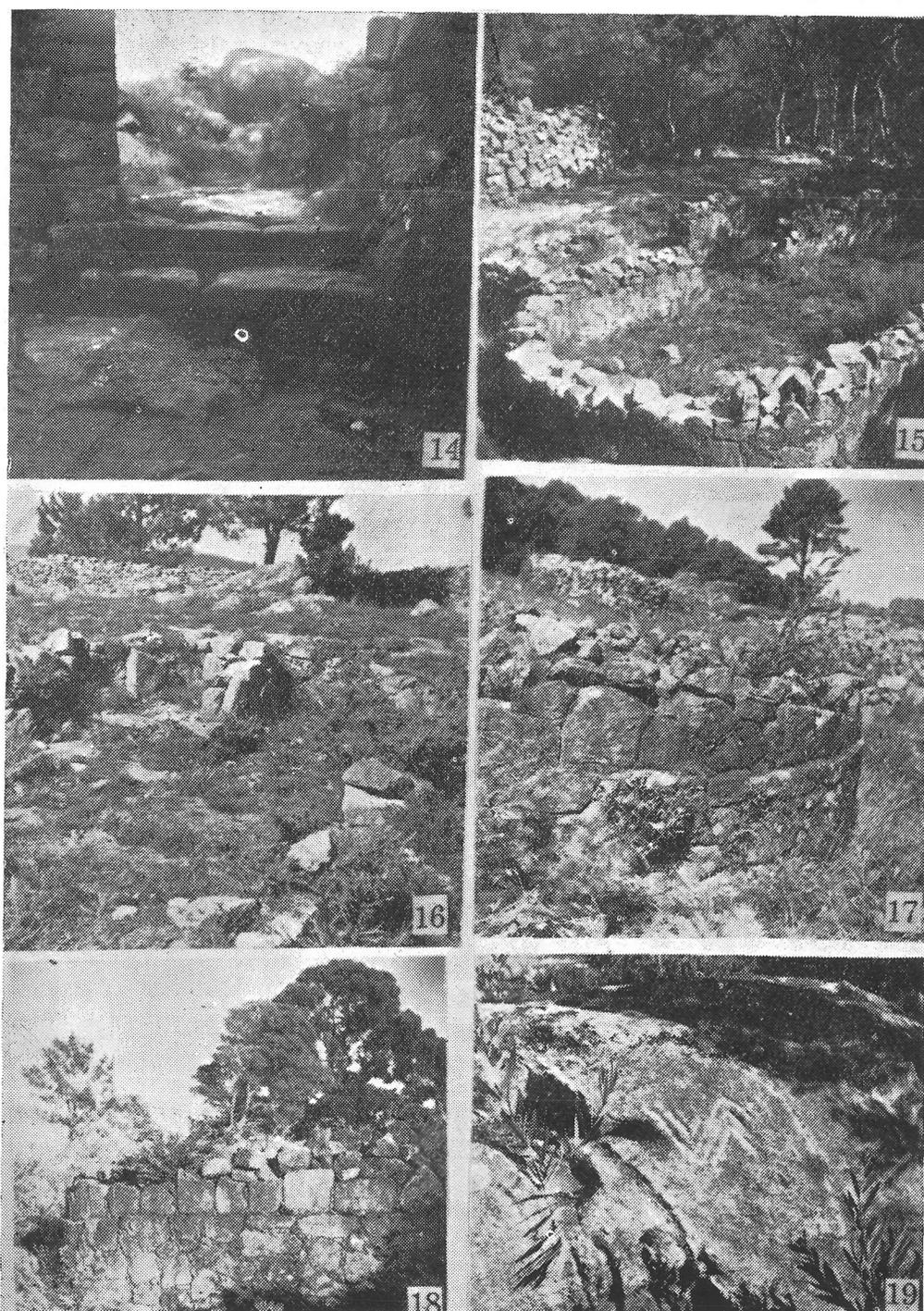
Os *bairros*. — Conforme atrás dissemos, pouco, e muito superficialmente, conhecemos da vida destes povos, pelo que, só hipoteticamente podemos atribuir função especial a cada tipo de casota e explicar o motivo de cada agrupamento. Vê-se, por exemplo, que o grupo de casas do Sector III, com os núms. 8 a 15, está perfeitamente isolado do restante casario por meio de uma parede com trechos



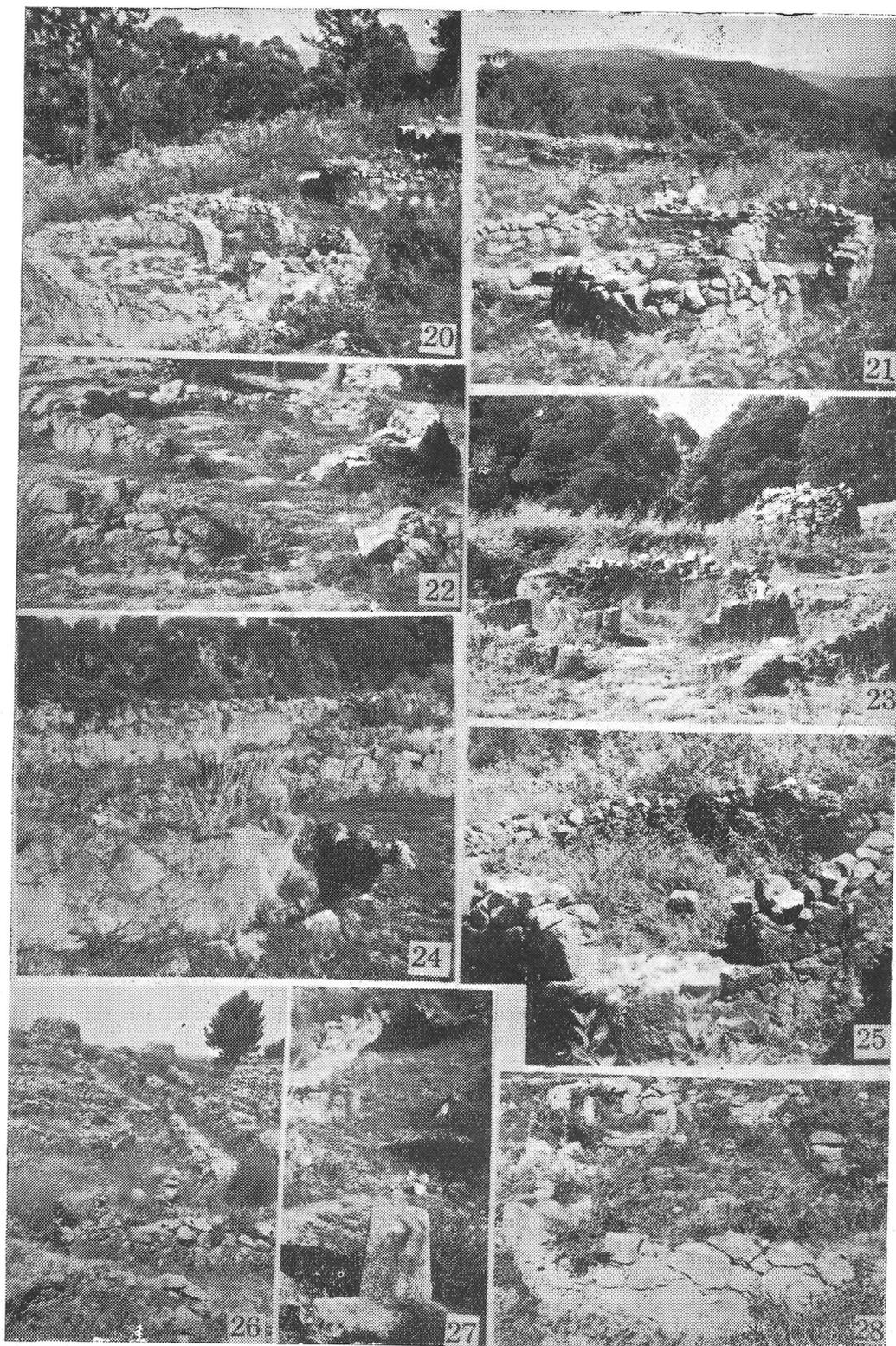
1, Vista sobre a Veiga de Areosa e sobre a praia rochosa (Castelo Velho), tomada da estrada que contorna a citânia pelo lado ocidental; 2, Vista tomada do Castelo Velho, na praia rochosa, para o monte de Santa Luzia. A citânia ocupa o ponto mais elevado, assinala do entre setas; 3, Caminho, em parte lajeado, entre a parede a que se encostam as casas 23, 24, 26, 27 e 29, e o talude ao lado das casas 42, 43, 45 e 46; 4, Area em que estão as casas 24, 25, 28, 30 e 31. Ao fundo, a muralha interior. No primeiro plano, o pátio lajeado em frente da casa n.º 24; 5, Cunhal do cercado das casas 8 a 15, lado ocidental; 6 Cunhal do mesmo cercado, do lado oriental.



7, Parte da muralha média, com o torreão indicado pela letra c na Fig. 1. Sobre o torreão está um homem; 8, Escada de acesso ao coroamento da muralha interior, junto à divisória de um dos «bairros» (Fig. 1, letra b). Quer na divisória quer na muralha, acham-se duas estreitas passagens que podem ter servido para escoante de enxurros, ou mesmo a passagem de pessoas e de pequenos animais domésticos; 9, O torreão da muralha média, visto do Sul, pela parte interna; 10, Pormenor da escada de acesso (Vid. Fot. n.º 8); 11, Aparelho do cercado onde se encontra a casa n.º 7; 12, Área onde se encontra a grande casa rectangular (n.º 22) e as duas paredes em «T». Ao fundo a muralha ínterna; 13, O torreão da muralha média, visto de Noroeste, pela banda de fora



14, Entrada para o cercado da casa n.º 7; 15, Casa n.º 1, aspecto parcial; 16, Forno da casa n.º 36; 17 e 18, Ressalto externo da casa n.º 37; 19, Rochedo com inscultura (assinalado em f, na Fig. 1)



20, Casas n.º 37 e 38 e, ao fundo, à direita, o ângulo do cercado das casas 8 a 15 (Vid. Fot. n.º 6; 21, Casa n.º 38; 22, Pavimento lajeado em frente da casa n.º 44; 23, Casa n.º 47, com pavimento de lajes; 24, Fosso circundante da casa n.º 28; 25, Entrada da casa n.º 37; 26, Caminho entre paredes e taludes, separando uma da outra as zonas III e IV (Vid. Fig. 1); 27, Pedra central da casa n.º 26; 28, (No canto superior esquerdo) forno da casa n.º 36

exclusivamente construídos com verdadeiros silhares losângicos. Uma das casas, a n.º, é redonda, simples; a n.º 9 redonda, com alpendre; a n.º 10 elíptica sem alpendre. É-se tentado a imaginar que a n.º 9, alpendrada, seria a residência principal, a do chefe da família, ou

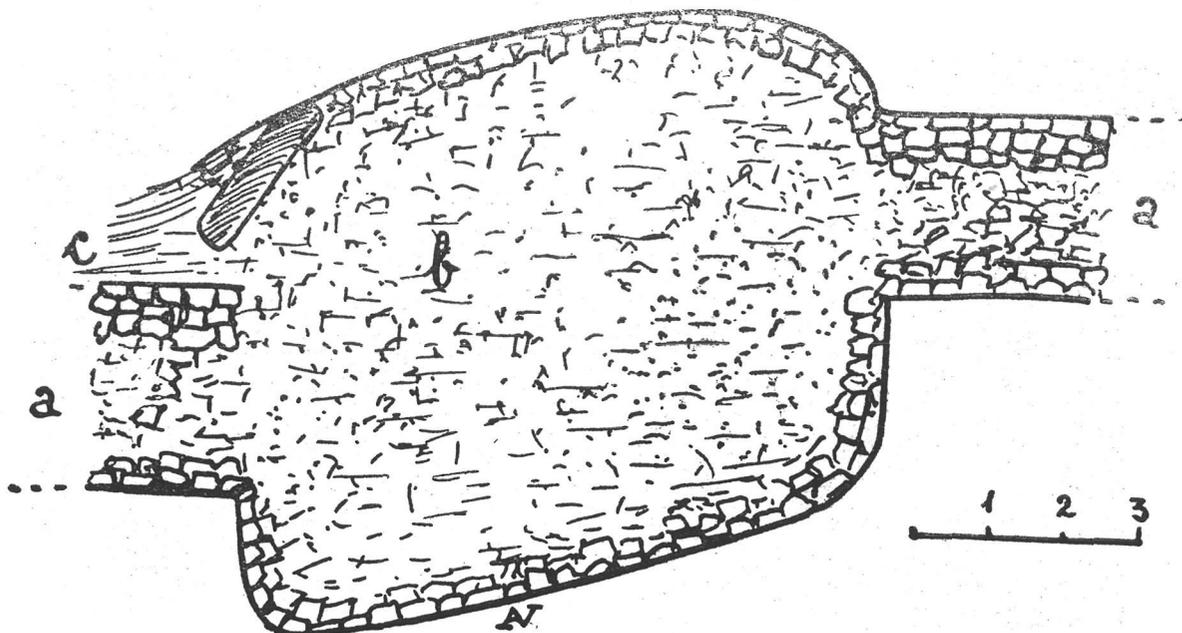


Fig. 6.—Torreão da muralha media (Vid. fig. 1, letra c); a, a', continuação do muro; c, pequena rampa de aceso; b, enchimento de terra e pedra

do grupo, ou mesmo de todos os habitantes da citânia, visto este grupo de casas, além de ocupar o ponto mais eminente de todo o castro, ser o de construção mais apurada (8).

As restantes, ou seja, as três redondas (8, 14 e 15), duas sem alpendre e uma com pequeno alpendre sub-rectangular, e a elíptica sem alpendre (n.º 10) estariam ocupadas por outros elementos familiares. As casotas rectangulares, situadas em frente da casa principal (núms. 11, 12 e 13), destinar-se-iam a abrigo de gado miúdo, seriam pequenos estábulos.

Se estas presunções estivessem certas, achar-nos-íamos, portanto, em presença de um bairro familiar. Fica ele contíguo ao grande cercado de fortes paredes, dentro do qual está a casa n.º 7, redonda, sem alpendre mas precedida de uma espécie de pequeno corredor, o tal

(8) Foi por aqui que se iniciaram as escavações, em 1876. Anos mais tarde, José Caldas publicou uma planta topográfica do castro de Santa Luzia (aquela a que damos a designação de "planta de 1890"), na qual se vê em pormenor este grupo de casas. Vid. J. CALDAS: *Archéologie Préhistorique dans la Province de Minho*, in *Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistoriques. Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne*, 1880. Lisbonne, 1884, págs. 333-335.

cercado que J. Leite de Vasconcelos admitiu fosse necrópolé, ou castelo, último reduto do castro (9). Quase toda a sua área interior é, conforme dissemos, erichada de rochedos. Podia ter sido lugar de culto, mas podia ter sido igualmente um grande recinto para encerro de gado mais corpulento.

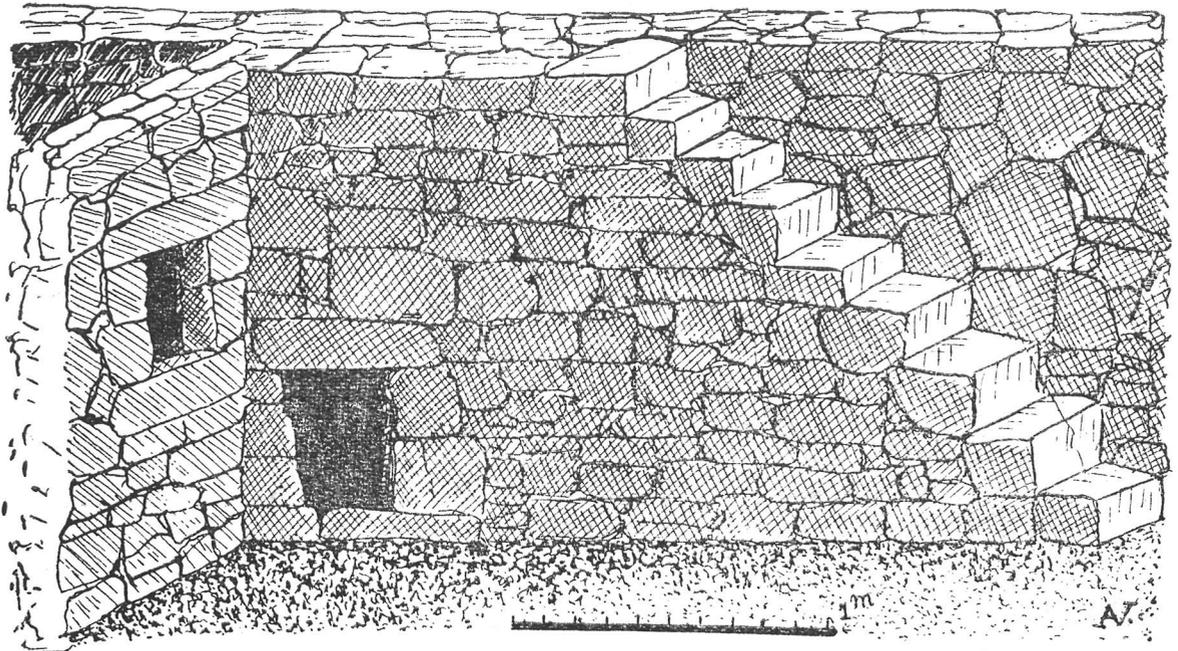


Fig. 7.—Escada de acceso ao cimo da muralha interior (Vid. fig. 1, letra b).

A casa n.º 1, ali à beira, estava também dotada de curiosos anexos. Além do alpendre (vid. Fig. 8), tinha um corredor em forma de segmento de coroa circular, paralelamente à curvatura do lado esquerdo. Possuía mais um vasto cercado, do qual hoje pouco resta visível (o segmento sob o n.º 2, na Fig. 1), mas que na planta de 1880 está marcado perfeitamente.

O pavimento das casas de Santa Luzia, conforme observaram os investigadores que por ali passaram, era constituído por saibro ou terra argilosa batida. Ainda hoje se notam vestígios de tais pavimentos, apesar da intensa lavagem das chuvas e de outros factores de destruição. Pois o solo desta casa n.º 1 (vid. Fig. 8), é natural e absolutamente irregular; inclina-se do fundo para o lado da entrada, e do Norte para Sul, isto é, da direita para a esquerda, sendo em mais de metade formado por rocha viva, tudo desnivelado, sem o mínimo sinal de regularização.

E a prova de que este pavimento foi sempre assim consiste na

(9) Loc. cit. pág. 18.

existência dos buracos para desaguamento, tanto na parede da casa como na do alpendre, desaguamento que se fazia para o vasto cercado desta casa. De um edifício de tal categoria, espaçoso, alpendrado, bem construído (Vid. Fot. n.º 15), seria legítimo pensar que tivesse servido de residência de castrejo importante, mas a extrema escabrosidade do seu pavimento e os boeiros para esgoto forçaram-nos a pensar no costume ainda hoje não desaparecido de todo, nas nossas

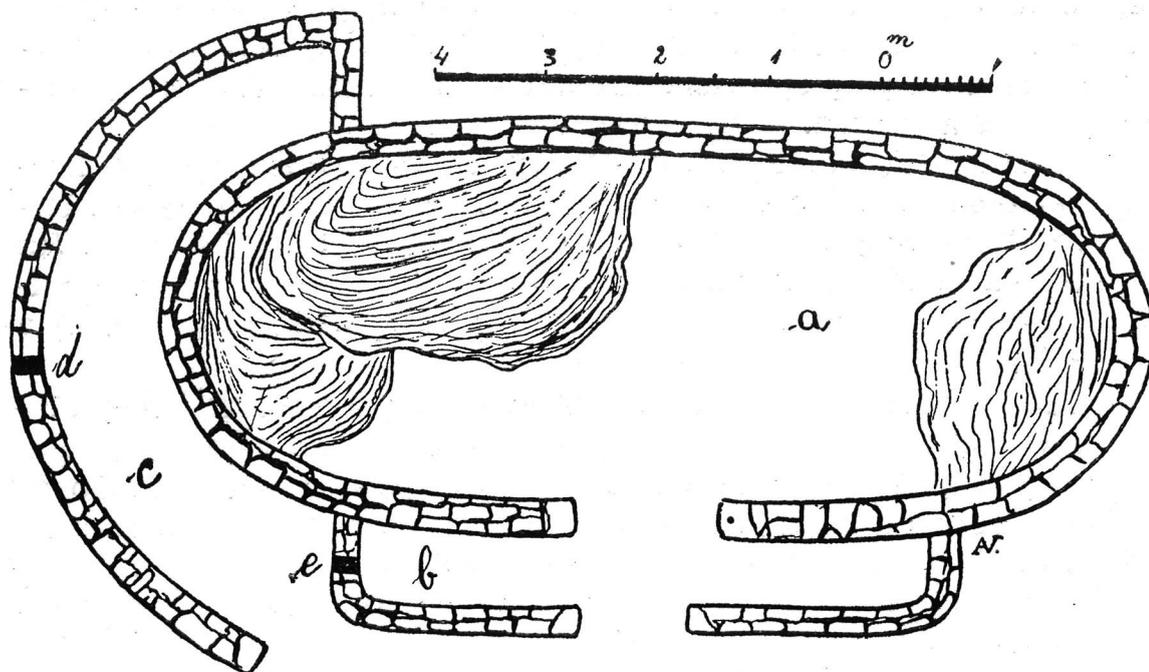


Fig. 8.—Planta da casa n.º 1: a, pavimento de terra; a', rochedos; b, alpendre; c, compartimento anexo; d, e, buracos de esgoto.

aldeias nortenhas, das cortes de gado com escoamento de urinas para caminhos e eidos cobertos de mato cortado.

Outro grupo que também parece formar pequeno bairro é o constituído pelas casas n.º 41 a 44. Temos aí a casa redonda alpendrada, mais duas redondas e uma elíptica, rodeadas por muro, com entrada por Oeste. O espaço entre estas casas era lajeado (Vid. Fot. 22). Essa pavimentação acha-se bem conservada entre as casas 41 e 44 (Vid. Fig. 2).

Mais grupos seriam os compostos: pelas casas 48, 50 e 51, com forno à parte, em 49; e pelas casas 16, 17 e 18, onde é de supor que houvesse existido também uma casa alpendrada, pois que na composição destes grupos há sempre uma casa redonda alpendrada, uma casa elíptica sem alpendre, e uma ou mais casas redondas simples. Outros agrupamentos se poderiam estabelecer mediante a associação de uma casa alpendrada, quer circular quer elíptica, com uma ou duas circulares sem alpendre (38 e 37; 39 e 40; 56, 58 e 59; 57, 60

e 61; 62 e 65; 68 e 71), ou com uma circular e uma elíptica (63, 64 e 66; 69, 70 e 72), se bem que, no Sector V, devido ao corte ocasionado pela estrada, e à própria disposição das casotas, as coisas se apresentam ainda com mais densa obscuridade.

Dos mais curiosos é o agrupamento 52 a 55. Temos aí uma casa rectangular, de cantos arredondados —52— com entrada lateral e com uma pequena dependência que, de certo modo, desempenharia função de alpendre —54—. Junto se encontra uma casa elíptica —53— e, ligada à 52 e à 54 por um muro de 3 metros e meio de comprimento, está uma pequena casa circular —55—, uma das mais pequenas de toda a citânia.

Há indícios de outros muros de ligação entre casas, ou que fizeram parte de vedações atinentes a uma casa ou grupo de casas. Repare-se, por exemplo, entre as casas 33 e 34, 68 e 69, 73 e 74. Há também casas com pequenos muros aos lados (5, 48, 57) e pequeninos emparedamentos, como por detrás da casa n.º 9 (Vid. Fig. 2) e da n.º 2 (Vid. Fig. 3).

Entre esta casa 26 e a 24 há mesmo um espaço morto, completamente vedado e, sem dúvida, inaproveitado. Quanto a nós, algumas destas paredes pertenceriam a cercas completadas por vedação de madeira, paus ou ramagens, e as minúsculas paredes, como as duas últimas acima apontadas, teriam por fim evitar que os animais domésticos de certa corpulência ficassem entalados nesses sítios, sobretudo aqueles que têm dificuldade em recuar.

Muito complexo é o Sector IV. Aí bem poderíamos atribuir às vivendas 24 e 25 as três casotas redondas, 19, 20 e 21, assim como as rectangulares 23, 26, 27 e 29, e a elíptica 28. Para a habitação n.º 33 seriam a redonda 32 e a rectangular 34. Mas há duas casas circulares, alpendradas, 30 e 31, que supomos habitações, cujas dependências haverá que apontar entre algumas das que citamos ao falar das casas 24 e 25.

Para este bairro há duas entradas: a de 1,40 m. de largo, junto à casa 22, seguindo-se um pátio lajeado, até à parede fronteira, com a qual converge outra parede que parte da casa rectangular n.º 23, e que com a primeira faz "T"; a outra, com largura de 1,75 m. situa-se em frente da casa n.º 30. Na primeira destas entradas há uma grande laje colocada de cutelo, como que fazendo de soleira.

Poder-se-ia admitir que as moradias 30 e 31 dispusessem em comum da dependência n.º 29, que é grande, tendo dentro um forno e, ao longo da parede de Nascente, por fora, uma bancada de lajes (Vid. Fig. 3). A moradia 35, já no Sector VI, estaria adstrita a casa elíptica 36, dentro da qual há também um forno e uma bancada feita de lajes (Fig. 10).

Este Sector VI é o mais acidentado de todos. O solo é, na maior parte, de rocha viva que irrompe em numerosos cabeços, entre os quais existem restos de paredes que poderiam, como ficou dito, ter servido de cerca ou para contenção de terra hoje desaparecida.

Num dos penedos, que na Fig. 1 assinalamos com a letra *f*, está

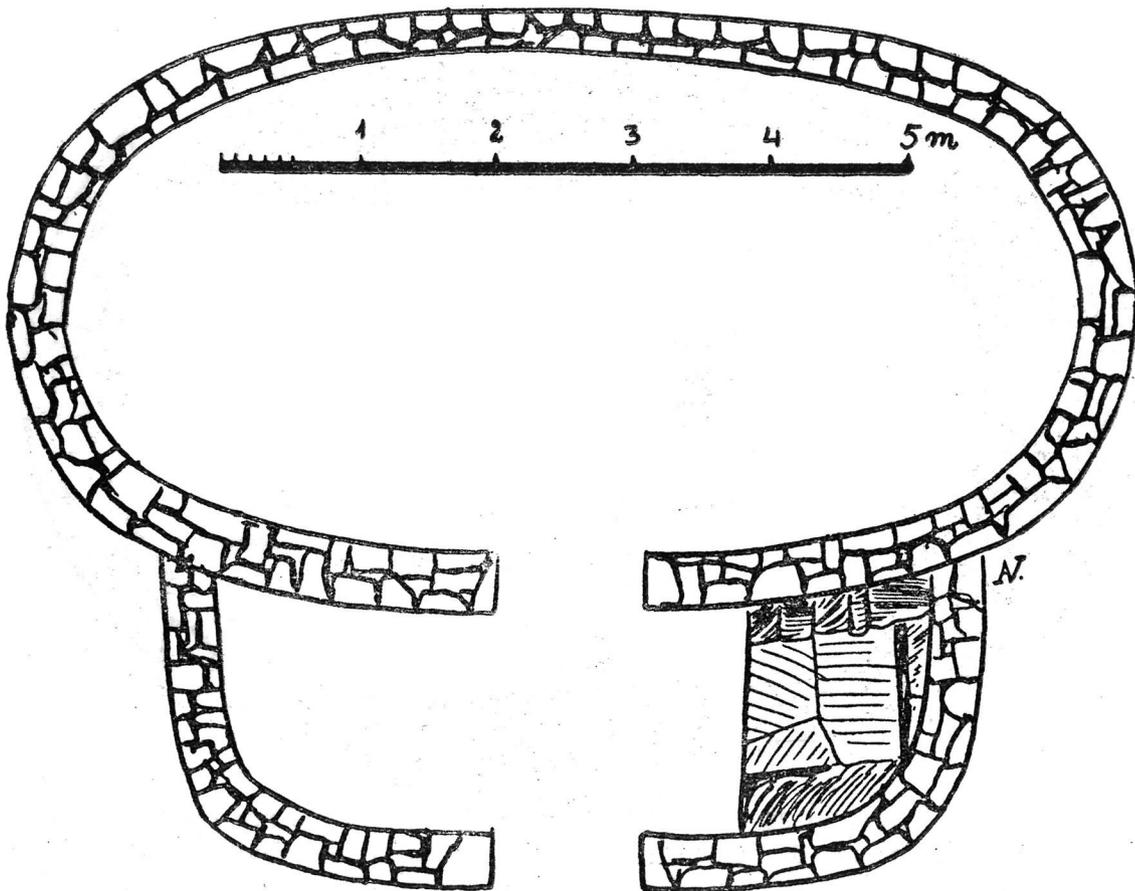


Fig. 9.—Planta da casa n.º 38

uma gravura que reproduzimos na Fot. n.º 19. É formada por linhas paralelas, angulares, dispostas em zigue-zague.

Segundo Cuevillas e outros estudiosos dos povoados castrejos, nestes, além das construções de pedra, haveria as de madeira, cujos vestígios desapareceram. Santa Luzia está no mesmo caso de outros castros, em que, a não ter existido neles maior população que a computável em face do número das casas de pedra, não contariam gente suficiente para guarnecer as muralhas, na emergência de serem atacados por numerosa horda inimiga.

Grandeza da citânia e outros pormenores das construções.— Simões Viana disse que a área escavada não excederia 40.000 metros quadrados. Pelo nosso cálculo, a parte compreendida pela muralha interna, já escavada, é, mais ou menos, um rectângulo de 200 metros

(N-S) por 110 (E-O), o que dá 22.000 metros quadrados de superfície. Com o que foi escavado fora desta muralha, deve aproximar-se da medida indicada por Simões Viana.

Na planta de 1880 se vêem, em pormenor, as casas núms. 1 a 5 e 8 a 15, e no esboço geral, além dessas, o cercado com a casa n.º 7, e

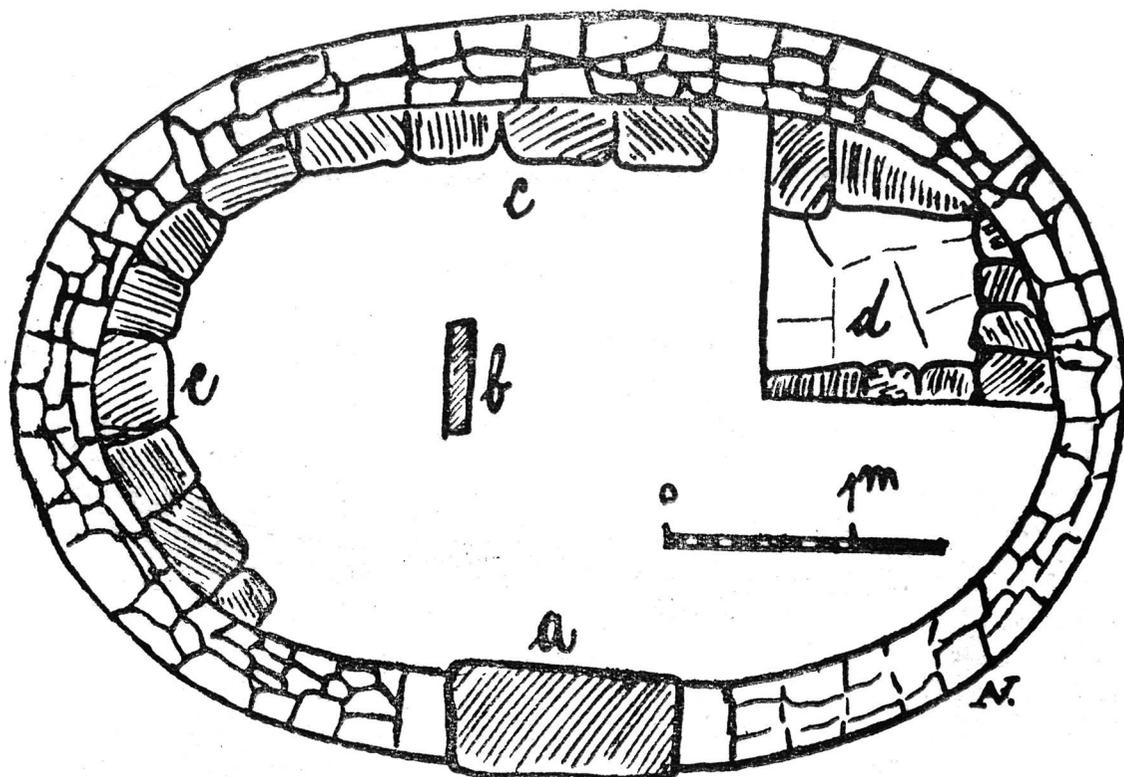


Fig. 10. Planta da casa n.º 36: a, soleira; b, pedra vertical, no ponto onde se apoiava o prumo de madeira; c, bancada de lajes; d, forno

talvez as núms. 75, 55 e 46. Dentro do recinto da muralha está marcado também o muro que margina do lado oriental o caminho situado entre os sectores III e IV do nosso esboço topográfico geral (Fig. 1).

José Caldas, na sua comunicação de 1880, diz: que o *oppidum* ocupava uma extensão de 1.400 metros quadrados, contendo as 14 casas então desenterradas (são as que numeramos de 1 a 15); que a sede desta estação era um plaino irregular, mais fortemente acidentado na direcção de N; que o povoado era defendido por uma muralha geral de 2 metros de largura.

Caldas reportava-se apenas à pequena porção então desenterrada e, mesmo assim, sem ter levado em consideração as casotas 46, 55 e 75, embora estivessem já indicadas na planta de que se serviu, certamente mandada levantar por ele próprio; parece não ter suspeitado de que o casario se estendia, pelo menos, dentro de todo o circuito da muralha interna, única representada na referida planta.

Essa área deveria ter, aproximadamente, uns 60.000 m.², ou seja, quase duas vezes mais que a área até hoje explorada e conservada. Esta parte é, conforme se vê ha Fig. 1, da estrada do hotel para o Nascente. Fora disto, e não contando os indícios que afloram

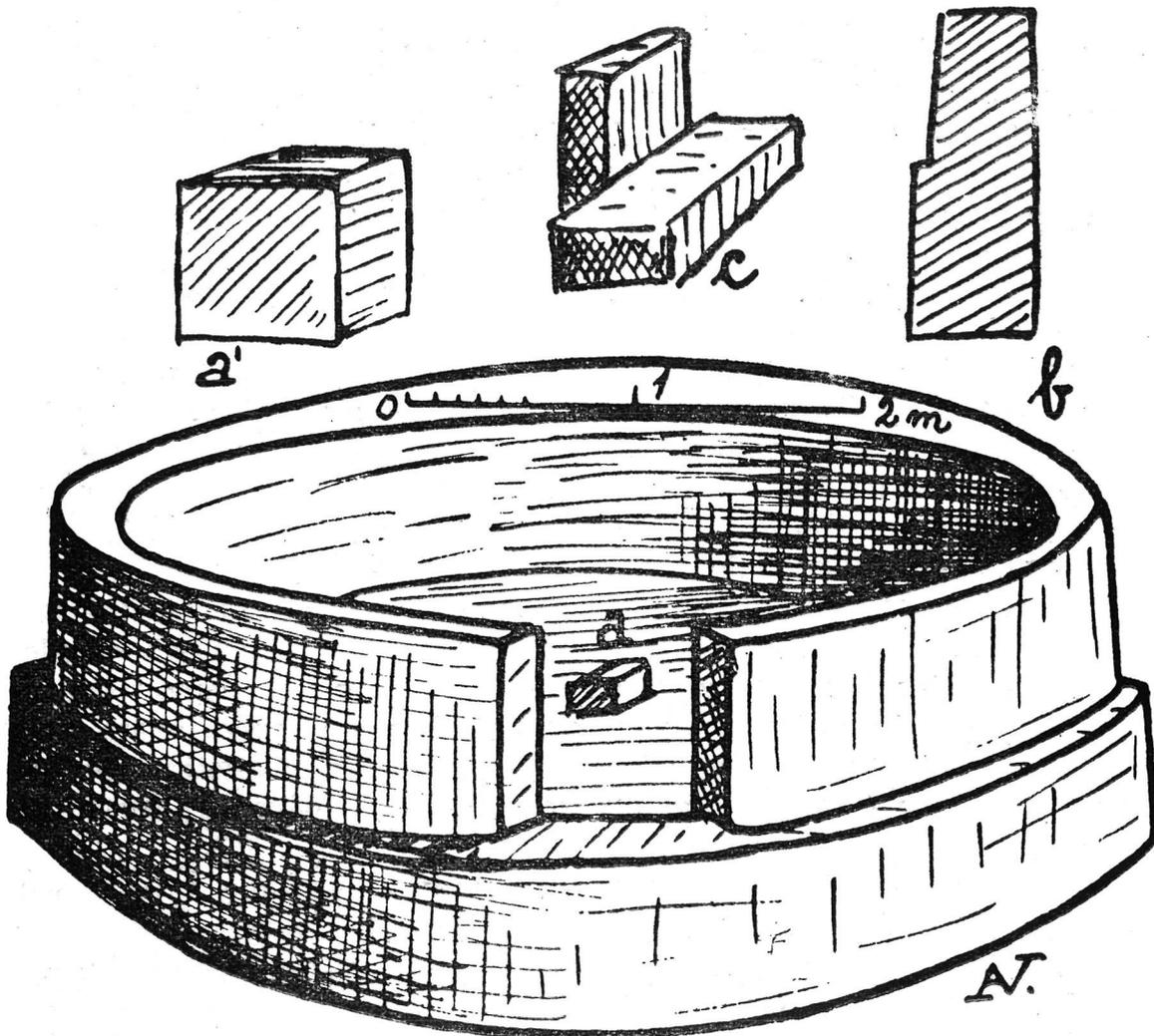


Fig. 11.—Planta da casa n.º 37: a, pedra central; a', e, c, tipos de pedra central; b, corte da parede da casa n.º 37.

na encosta, desde a estrada do hotel para Poente, há somente uma casa circular cortada a meio pela estrada da banda do mar, próximo da chamada Casa do Albino. Esse resto de casa testemunha até que ponto a citânia se estendia para Sudoeste.

Neste mesmo muro que, com as casas nele circunscritas, constitui a parte mais perfeitamente construída entre tudo o mais que hoje perdura do castro, se vêem maneiras caprichosas de juxtaposição dos silhares quadrangulares e pentagonais, como aquela por nós reproduzida na Fig. 13, letra c.

Os pormenores da construção das casas não divergem dos conhecidos e divulgados a respeito de outros castros. Em Santa Luzia, o aparelho externo das paredes é frequentemente o helicoidal, que assim se lhe pode chamar quando realizado em parede curva. Mas essas fiadas oblíquas, em relação ao plano horizontal, de silhares mais ou menos losânicos, também se observam em paredes planas, tais como o muro que encerra as casas 8 a 15 (Fot.s núms. 5 e 6).

Segundo J. Leite de Vasconcelos (10), ele havia observado as "três ordens de muralhas concêntricas, com fossos intermédios", e diz ainda que "as ruínas das casas ocupam principalmente o espaço limitado pela muralha mais interna, mas há algumas fora dali". Presentemente, não achamos senão restos de duas ordens de muralhas, e nenhum sinal de casas se nos depara fora da muralha interior.

Igualmente dentro da regra, a falta de travação nos pontos em que as paredes se ligam umas às outras; isto é, o simples encosto das paredes umas às outras, das casas com os alpendres, etc., e o mesmo nos cunhais das paredes que se dobram em ângulo recto. Nos cunhais que mostramos nas Fot.s 5 e 6, aparecem alguns silhares fazendo face para um e outro lado.

Por vezes, ao construírem uma casota rectangular contra um muro, em vez de aproveitarem este, edificaram parede nova paralelamente à outra, como se vê nas casas 11 e 27, o que demonstra terem as casas sido mais altas que os muros a que se encostaram, pelo que, os respectivos telhados não puderam apoiar-se nestes. Mas na casa n.º 41, que é elíptica, vê-se que o muro da cêrca se funde na parede da casa.

Embora frequente a disposição helicoidal, o aparelho é, em geral, poligonal com pedras de tamanho muito variável, quase sempre pequenas, sobretudo pela parte interna das casas. Estas pedras, sempre que necessario, eram calçadas por pequenas lascas, e assentes em uma argamassa pobre, agora quase totalmente desaparecida, ou desagregada.

Nos lanços da muralha que ainda restam, verifica-se terem utilizado nelas pedras bastantes maiores, mas nada que lembre, sequer de longe, o tipo ciclópico.

As paredes de casas e alpendres têm uma espessura que varia de 0,35 m. a 0,55 m. Com grossura superior a 0,50 m. são muito raras, e as de grossura inferior a 0,40 m. também não abundam. É à roda desta última medida que gira a média geral.

A grossura das paredes nada tem que ver com o tamanho das

(10) Loc. cit. pág. 17.

casas. A n.º 1, que é das maiores, tem parede cuja grossura mede 0,35 m. a 0,38 m. e os mesmos 0,35 m. tem a da casa n.º 75. Em casas bastante mais pequenas, como a 59, mede 0,50 m.

No tocante às dimensões das casas, a variedade é grande. Das casas redondas, a mais pequena é a 21, com 1,40 m. de diâmetro, e a maior a n.º 7, com 5,30 m., ambas sem alpendre. Nas circulares alpendradas, as menores são a 42 e a 39, ambas com 3,70 m., e as maiores a 31 e a 33, com 4,95 m. O maior número, com alpendre ou sem ele, apresenta diâmetro compreendido entre 4 m. e 4,80 m. Com diâmetro inferior a 4 metros contam-se apenas 11 casotas. Não há rela-

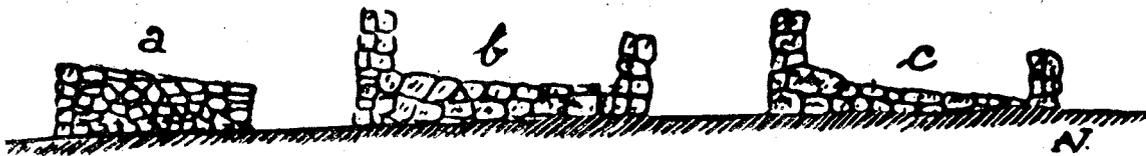


Fig. 12.—Corte do alinhamento das casas numeros 19, 20 e 21.

ção entre o tamanho da casa e o do alpendre. Uma das mais pequenas pode ter alpendre mais espaçoso.

Nas casas elípticas, o eixo maior varia entre 8,22 m. e 6 m. e o eixo menor entre 2,90 m. e 3,50 m. mas não há proporção regular. Veja-se, por exemplo: Casa n.º 1: 8,22 m. \times 3,10 m.; n.º 38: 8,20 m. \times 3,50 m.; n.º 28: 8 m. \times 4,10 m.; n.º 41: 7,60 m. \times 2,90 m.; n.º 70: 7,55 m. \times 3,45 m.; n.º 10: 7 m. \times 3,40 m.; n.º 50: 6,90 m. \times 3,45 m.; n.º 66: 6,10 m. \times 3 m.; n.º 53: 6 m. \times 3,10 m. Note-se que a casa com eixo maior mais comprido e a casa com eixo maior mais curto têm eixo menor com o mesmo comprimento.

Entre as rectangulares, algumas há com um, dois ou mais cantos arredondados, como se vê em 34, 29, 52 e 75. Certas casotas deste formato não poderiam ser verdadeiramente habitações, já pela maneira como se encontram encostadas a outras construções, já pela exiguidade do tamanho, como, por exemplo, a n.º 54, com 1,30 m. \times 0,70 m., ou mesmo a n.º 52, com 3,60 \times 2,30 m. a 2,40 m. Dois destes recintos são muito grandes: o 75, com 10,55 m. \times 3,80, e o 23, com 11,30 \times 4 metros. Os restantes são: o 22 com 3,45 m. \times 3 m.; 27: 4,20 m. \times 3 m.; 26: 4,80 m. \times 2,30; 13: 5,20 m. \times 3,10 m.; 11: 5,60 m. \times 3,10 m.; 29: 5,35 m. \times 3,70 m.; 12: 6,50 m. \times 3,10 m.; 45: 6,75 m. \times 3,40; 34: 8,20 \times 4,20 m.

Para o assentamento das casas, algumas vezes se preparou o terreno, picando a rocha, em parte, de modo a obterem um espaço horizontal. Outras vezes, como nas três casas circulares 19, 20 e 21, a horizontalidade dos pisos foi obtida por enchimento do interior da casa, até altura julgada conveniente (Fig. 12).

A casa elíptica n.º 27 levou em volta um pequeno fosso revestido

de pedras, conforme se observará na Fot. 24. Esse fosso tem por fim evidente a defesa contra a humidade.

Todas as casas alpendradas são de soleira baixa (Vid. Fot.s 4, 15, 16, 21, 22 e 23), o mesmo acontecendo com as rectangulares e com a elíptica n.º 36. É entre as casas sem alpendre que raro se conservou suficiente altura de parede, para mostrar a entrada; por outras palavras, estas casas são de entrada alta. Na que tem o n.º 37, porém, perdurou o bastante para nos mostrar que a parede, na parte inferior, foi reforçada até o nível da soleira da porta, cuja altura para o exterior, assim como a do nível do piso da casa, é de 0,80 m.

A parede está formada como que por dois corpos cilíndricos sobrepostos, o de baixo com a espessura máxima de 0,52 m. e o de cima com a de 0,47 m. (Vid. Fig. 11, letra b), formando o de baixo um ressalto de 4 a 6 centímetros, pela parte de fora (Vid. Fot.s 17, 18 e 25). Aqui, tal como nos demais casos, o troço de cima poisa singelamente sobre o de baixo, sem íntima travação entre os dois corpos.

Diversas casas conservam ao centro, ou próximo dele, a pedra sobre que assentou o prumo de suporte do telhado cónico (Vid. Figs. 10 e 11 e Fots. 22, 25, 27 e 28). Suponemos que na citânia de Santa Luzia a cobertura das casas deveria ser feita com elementos vegetais (colmo, junco, ramagens, etc.) e, ainda que em menor escala, por pequenas lajes de xisto e de gneisse. Não apareceram destroços de tégulas em quantidade suficiente para se poder aceitar seu emprego geral na cobertura das casas, tanto mais que elas se não adaptariam bem às circulares e às elípticas. O mesmo se dá com as pequenas lajes. Ambos os materiais, todavia, surgiram ali em porção apreciável, pelo que não é de excluir a sua aplicação lógica.

Algumas das pedras furadas, relativamente pesadas, podem ter servido para a fixação do colmo ou do junco. Outras dessas pedras serviriam para fixação de cancelas, ou de varas de vedação.

Outras observações.—A pedra com numerosas covinhas (*fossettes*), publicada por Fonseca Cardoso (11) desapareceu há bastantes anos, no decurso da construção da basílica do Sagrado Coração de Jesus, erecta no sítio da antiga ermida de Santa Luzia. Além daquela que deixamos registada na Fot. 19 (letra f, Fig. 1), não, conhecemos outra que, de facto, mostre covas ou sulcos atribuíveis aos insculptores pré e proto-históricos.

Algumas marmitas, principalmente nos penedos do cercado da casa 7, podiam ter sido utilizadas em práticas de culto, ou cerimó-

(11) FONSECA CARDOSO: *Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello*, in *O Archeólogo Português*, III, pág. 170,

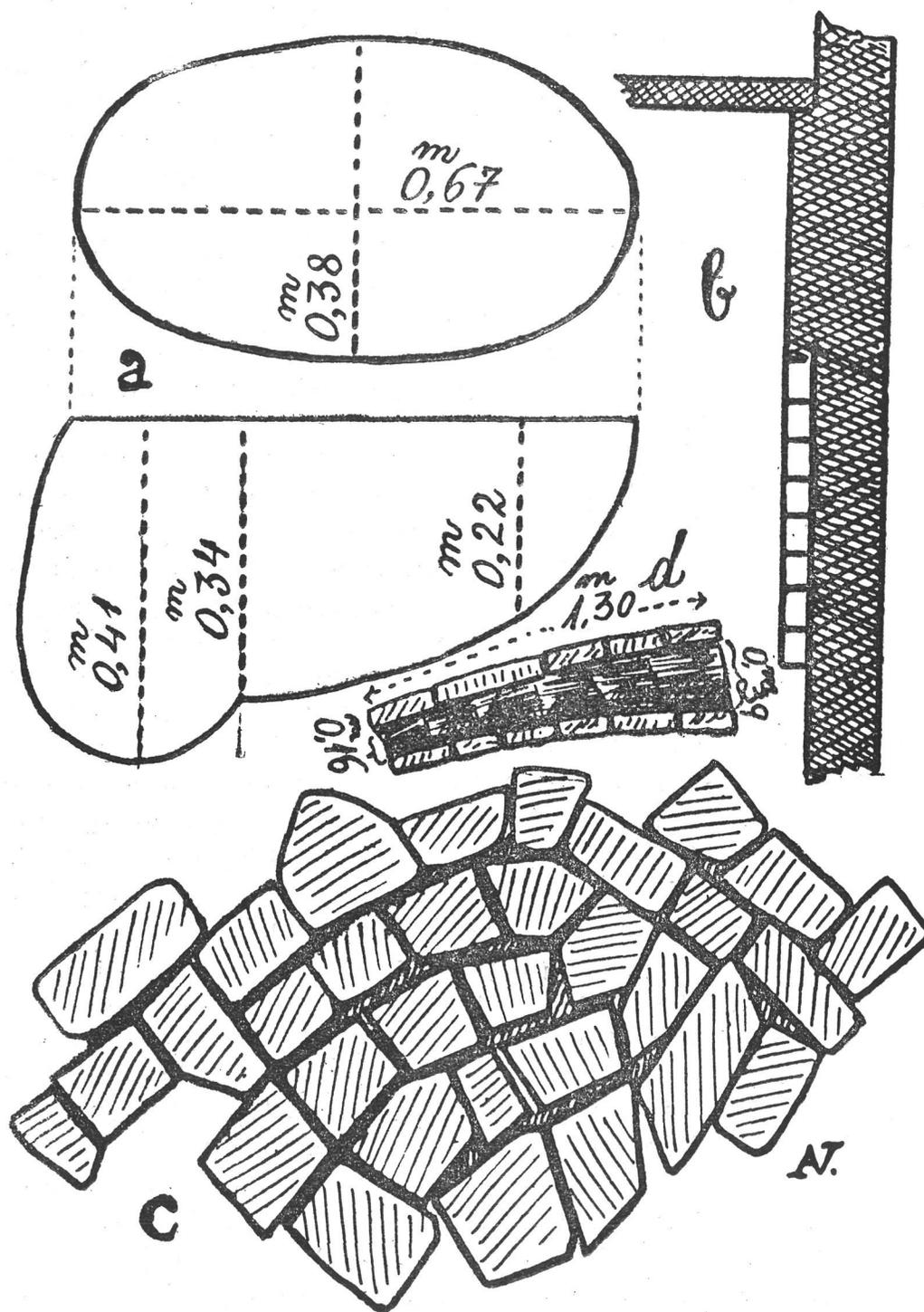


Fig. 13.—*a*, pia de sacrificios do castro de Vilar de Mouros; *b*, posição da escada contra a muralha interior da citânia de Santa Luzia; *c*, combinação dos silhares num trecho do muro que cerca as casas numeros 8 a 15; *d*, pequeno canal junto a casa n.º 56

nias de magia, mas nada existe ou, pelo menos, nada se conservou, que se compare com aquela cova aberta artificialmente na laje sobre que assenta uma das paredes laterais da capela da Senhora do Castro, no castro de Vilar de Mouros. Publicámo-la, vai para 30 anos (12), numa revista literária de reduzida expansão, por isso aqui se dá novamente o desenho esquemático daquela pia de sacrifícios (Fig. 13, letra *a*).

A presença de fornos e o achado de várias mós manuais demonstram que os habitantes do castro fabricavam pão com cereal farinado. As pequenas pias de granito, muito grosseiras, deviam ter servido de bebedouros a pequenos animais domésticos. Para o mesmo fim seriam utilizadas as covas produzidas pela erosão na parte superior dos cabeços graníticos.

Até hoje, em sítio algum da citânia se notaram quaisquer restos de cozinha, não obstante o consumo de mariscos dever ter sido grande e as conchas serem despojos de conservação relativamente fácil. Tais restos, todavia, que certamente foram depositados nas encostas, as águas das chuyas os dispersaram sem consentir a permanência de vestígios. Pois se até desapareceram dali depósitos idênticos e recentes, ali depositos por grupos de visitantes, sobretudo no tempo em que no alto do monte não havia hotel, nem o acesso era tão fácil e rápido como agora!

Na Fig. 1, letra *h*, e Fig. 2, letra *e*, junto à casa cortada n.º 58, figuramos um pequeno poço circular, de secção ligeiramente elíptica (Diâmetros: 1,35 m. × 1,18 m.), revestido de pedra, o qual pode, talvez, ter similitude com os de Terroso, para muitos e mui competentes arqueólogos, sepulturas de incineração.

Quem quer que esvasiou este de Santa Luzia não deixou notícia do que ele continha. Julgamo-lo demasiado grande para ter sido sepultura individual. Como não conhecemos pormenores dos de Terroso, nada mais podemos presumir acerca do desta citânia, salvo que a sua localização anula absolutamente a hipótese de que tenha sido verdadeiro poço para fornecimento de água.

A referida casa 58, a casa alpendrada n.º 57 e os restos de paredes parecem ter formado um conjunto ao qual este poço pertenceu. Próximo há um canalzito (Fig. 2, letra *b*), completamente formado por pequenas pedras (Fig. 13, letra *d*), a modos de estreita cista com exígua profundidade, que não nos parece ter sido feito para escoamento de águas das chuvas. Teria sido esse lugar destinado à incineração de cadáveres? A abertura da estrada do hotel fez des-

(12) ABEL VIANA: *O povo minhoto e as suas ideias sobre Pré-história*, in *Genete Minhoto*, número IV, Braga, abril de 1926.

aparecer parte do agrupamento, e o próprio poço por muito pouco escapou ao corte.

E nada mais ali se lobriga, hoje, que se possa relacionar com a prática de *ustrinum*, ou outra função sepulcral.

Também não conseguimos identificar a tal construção rectangular em forma de caixa de 1 m. × 0,65 m., orientada de E-W, “feita de pedras postas de cutelo, e ladrilhada”, a qual, segundo Leite de Vasconcelos (13), “podia ter sido sepultura”. Esta espécie de cista estaria “junto de uma das casas oblongas”.

Aparte os orifícios da casa n.º 1, nada de importante conseguimos registrar a respeito de canalizações para águas pluviais, a não ser os dois boqueirões junto à escada da muralha (Fig. 7 e Fot. n.º 8). Um deles está praticado na parede que separa o Sector II do Sector IV, correspondendo ao pavimento do Sector IV, que naquele ponto é de nível mais alto que o do Sector II. O outro, aberto na muralha interna, corresponde ao nível do Sector II e do terreno fora, ao rés da muralha. Quer uma quer outra abertura podiam dar passagem a uma pessoa, de cada vez, rastejando.

A sua principal função era, todavia, dar saída à água da chuva colhida por toda a superfície dos sectores III a IV, e ainda por metade da direita do Sector VI, pois toda essa área pende para o ponto onde estão os dois boqueirões.



Eis as observações que mais importa registrar quanto às ruínas até hoje desenterradas em Santa Luzia. Alguma novidade daria a parte não escavada mas, quanto a essa, não é provável que algum dia venha a ser objecto de exploração conveniente, antes se encontra arriscada a subversão geral, motivada pela contiguidade do grande hotel, do magnífico hotel ali estabelecido.

Fala-se já no arranjo urbanístico da área circundante daquele edifício, e bem sabido é quanto certas entidades, quer particulares quer oficiais, desprezam ostensivamente os estudos arqueológicos e consideram a Arqueologia um estorvo incomodativo.

Fiquem, pois, estas apressadas notas, cujo mérito consistirá em fixar aspectos de uma importante estação arqueológica em risco de parcial ou até de total destruição.

(13) Loc. cit. pág. 18.

ALGUMAS DAS DIMENSOES DAS CASAS

1. Casa elíptica, com alpendre e cercado (Fig. 8). Eixo maior, 8,22 m.; eixo menor, 3,10 m., comprimento do alpendre, 5,10 m.; larg. da porta da casa, 1,33 m.; idem do alpendre, 1 m.; espessura das paredes, 0,35 m. a 0,38 m.
7. Casa circular Diâmetro, 5,30 m.
8. Casa circular. Diâm. 4,60 m.; espes. da parede, 0,45 m.
9. Casa circular. Diâm. 4,60 m.; comp. do alpendre, 6 m.; larg., 1,70 m.
10. Casa elíptica. Eixo maior, 7 m.; eixo menor, 3,40 m.
11. Casa rectangular. Comp. 5,60 m.; larg., 3,10 m.
12. Casa rectangular. Comp., 6,50 m.; larg., 3,10 m.
13. Casa rectangular. Comp., 5,20 m.; larg., 3,10 m.
14. Alpendre de 3,60 m. \times 3,10 m.
19. Casa circular. Diâm. máx., 4,40 m.; diâm. mínimo, 4,33 m. Espes. da parede, 0,40 m.
20. Casa circular. Diâmetros, 4,08 m. \times 3,95 m.
21. Casa circular. Diâm., 1,40 m.
22. Casa rectangular. Comp., 3,45 m.; larg., 3 m.
23. Casa rectangular. Comp., 11,30 m.; larg., 4 m.; larg. de entrada, 1,65 m.; esp. da parede, 0,45 m.
24. Casa circular, com alpendre. Diâmetro, 4,50 m. a 4,60 m.; comp. do alpendre, 7,20 m.; larg., 2,40 m.
25. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,90 m. a 5 m. Comp. e larg. do alpendre, 7,20 m. e 2,40 m.
26. Casa rectangular. Comp., 4,80 m.; larg., 2,30 m.
27. Casa rectangular. Comp., 4,20 m.; larg., 3 m. Tem pequeno corredor e um alpendre rectangular anexo.
28. Casa elíptica, circundada por fosso. Eixo maior, 8 m.; eixo menor, 4,10 m.
29. Casa rectangular, com forno e banco pelo lado de fora. Comp. 5,35 m.; larg., 3,70 m.
30. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,70 m.; comp. do alpendre, 7,20 m.
31. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,95 m. a 5 m.; comp. e larg. do alpendre, 7,50 m. e 2,30 m.
32. Casa circular. Diâm., 4,95 m. a 5,10 m.
33. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,95 m.; comp. e larg. do alpendre, 6,20 metros e 2,10 m.
34. Casa rectangular. Comp., 8,20 m.; larg., 4,20 m.
35. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,80 m.; comp. do alpendre, 5,30; larg., 2,10 m.; entrada da casa, 1,20 m.; idem do alpendre, 0,90 m.
36. Casa elíptica, com forno (Fig. 10). Eixo maior (interno), 5,30 m.; (externo), 6,10 m.; eixo menor (interno), 3 m.; (externo), 3,90 m. Entrada, 1,20 m. Espes. da parede, 0,35 m. a 0,50 m.
37. Casa circular (Fig. 11). Diâm. interno, 4,10 m. a 4,60 m.; espes. da parede (em cima), 0,47 m. (em baixo), 0,52 m.; larg. da porta, 1,06 m.
38. Casa elíptica, com alpendre e forno (Fig. 9). Eixo maior, (interno), 7,40 m.; (externo), 8,20 m.; eixo menor, 3,50 m.; comp. e larg. do alpendre,

- 6,05 m.; (externo), e 1,60; larg. da entrada, na casa e no alpendre, 1,10 m.; espes. da parede, 0,41 m.
39. Casa circular, com alpendre. Diâm., 3,70 m. a 3,75 m.; comp. do alpendre, 5,75 m.; entrada, 0,95; espes. da parede, 0,45 m.
40. Casa circular. Diâm., 3,80 m. a 3,85 m. espes. da parede, 0,50 m.
41. Casa elíptica. Eixo maior (interno), 6,70 m.; eixo menor, 2,90 m.; entrada 1,20 m.; espes. da parede, 0,50 m.
42. Casa circular. Diâm., 3,70 m.; espes. da parede, 0,35 m.
43. Casa circular. Diâm., 4,10 m. a 4,05 m.
44. Casa circular, com alpendre. Diâm. 4,10 m. a 4,20 m.; comp. externo do alpendre, 6,90 m.; entrada do alpendre, 1,38 m.; entrada da casa, 1,20 m.; espes. da parede, 0,55 m.
45. Casa rectangular. Comp., 6,75 m.; larg., 3,40 m.; espes. da parede, 0,50 m.
46. Casa circular, com alpendre. Diâm., 3,95 m.; comp. do alpendre, 6,15 m.; porta da casa, 1 m.
47. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,10 m. a 4,25 m.; comp. e larg. do alpendre, 5,85 m. e 1 m.; espes. da parede, 0,37 m.
48. Casa circular, com alpendre. Diâm., 3,80 m. a 3,90 m.; comp. do alpendre, 6,25 m.; entrada da casa, 0,90 m.
49. Forno. 1,70 m. × 1 m.
50. Casa elíptica. Eixo maior, 6,90 m.; eixo menor, 3,45; espes. da parede 0,35 m.
51. Casa circular. Diâm., 4,35 m. a 4,40 m.; entrada, 0,55 m.; espes. de parede, 0,50 m.
52. Casa sub-rectangular. Comp., 3,60 m.; larg., 2,30 m. a 2,40 m.; espes. da parede, 0,40 m.
53. Casa elíptica. Eixo maior, 6 m.; eixo menor, 3,10 m.; espes. da parede, 0,40 m.
54. Casa sub-rectangular. Comp., 1,30 m.; larg., 0,70 m.
55. Casa circular. Diâm., 3,25 m.; espes. da parede, 0,45 m.; entrada, 0,70 m.
56. Casa redonda, com alpendre. Diâm., 4,32 m. a 4,45 m.; comp. do alpendre, 6,12 m.; entrada de casa, 1,60 m.
57. Casa circular, com alpendre. Diâm., 3,80 m. a 3,90 m.; comp. do alpendre, 6,10m.; entrada, 0,75 m.; espes. da parede, 0,40 m.
58. Casa circular (cortada). Diâm., 5,25 m.; espes. da parede, 0,45 m.
59. Casa circular. Diâm., 4 m.; espes. da parede, 0,50 m.
60. Casa circular. Diâm., 4,20 m.; espes. da parede, 0,40 m.
61. Casa circular. Diâm., 4 m.; espes. da parede, 0,40 m.
62. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4 m.; comp. de alpendre, 6,50 m.; entrada da casa, 1,50 m.; espes. da parede, 0,40 m.
63. Casa circular, com alpendre. Diâm., 3,85 m. a 3,95 m.; comp. do alpendre, 4,30 m.; entrada da casa, 0,85 m.; espes. da parede, 0,40 m.
64. Casa circular. Diâm., 3,55 m. a 3,40 m.; espes. da parede, 0,40 m.
65. Casa cortada.
66. Casa elíptica. Eixo maior, 6,40 m.; eixo menor, 3,40 m.; espes. da parede, 0,40 m.
67. Casa circular. Diâm., 3,80 m.; espes. da parede, 0,40 m.
68. Casa circular, com alpendre e com forno. Diâm., 4,20 m.; comp. do alpendre, 6,10 m.; entrada da casa, 0,90; espes. da parede, 0,45 m.

69. Casa circular, com alpendre. Diâm., 4,50 m.; comp. do alpendre, 7,10 m.; entrada da casa, 1,45 m.; espes. da parede, 0,40 m.

70. Casa elíptica. Eixo maior, 7,55 m.; eixo menor, 3,45 m.; espes. da parede, 0,35 m.

71. Casa circular. Diâm., 4 m. a 4,05 m.; espes. da parede, 0,40 m.

72. Casa circular com forno. Diâm., 4,20 m. a 4,30 m.; espes. da parede, 0,40 m.

73. Casa circular, cortada.

74. Casa circular. Diâm., 2,90 m.; espes. da parede, 0,40 m.

75. Casa rectangular, com os ângulos arredondados e com alpendre. Comp. 10,55 m. larg., 3,80 m.; espes. da parede, 0,50 m.; larg. do alpendre, 1,40 m.

76. Casa circular. Diâm., 4 m.; espes. da parede, 0,45 m.

N. B.—Por comprimento do alpendre se entende o da corda entre os dois ângulos mais afastados.